

J. Herculano Pires

O Mistério do Ser ante a Dor e a Morte

Uma visão atual da problemática existencial
à luz da Filosofia, da Religião e da Ciência



Título: O Mistério do Ser ante a Dor e a Morte

Autor: J. Herculano Pires

3ª Edição – 1996 – 3.000 exemplares

Capa: Ícaro

Revisão: Demetre Abraão Nami

Direitos desta edição reservados à
Editora Paidéia Ltda.,
segundo os dispositivos legais.

Pedidos à:

Editora Paidéia Ltda.

Rua Dr. Bacelar, 505 - V. Clementino

CEP: 04026-001 - São Paulo - SP - Brasil

C.G.G.: 48.054.506/0001-00

Inscrição Estadual: 109.772.113

Tel. (11) 5549-3053 - Fax (11) 5182-5836

Site: www.editorapaideia.com.br

Para

Samuel Balababian

que desceu entre os supostos destroços da Arca de Noé, no Monte Ararat, foi escravo dos beduínos no deserto, barbeiro em Buenos Aires e barbeiro nos *Diários Associados* de São Paulo, na Rua 7 de Abril, onde me contava anedotas armênicas, e um dia me perguntou: “Por que temos de sofrer tanto neste mundo e morrer sem ter conseguido nada?”

Se Samuel não entendeu esta resposta, estaremos quites, pois muita coisa que ele me contou, na língua da Torre de Babel, misturando árabe, armênio, espanhol e português, eu também não entendi. O principal é que no rosto envelhecido e cansado de Samuel, tocado pela sombra da morte, passou um sopro de alegria quando eu lhe disse que a sua pergunta me levava a escrever um livro.

Índice

O que todos devemos saber	5
1. Os Capatazes de Deus	9
2. Os Mecanismos do Sensível	14
3. Do Sensível ao Inteligível	21
4. O Mundo sem Dor	31
5. A Lagosta de Sartre	37
6. Os Caminhos Incertos da Experiência	43
7. As Revoluções Conceptuais	49
8. Os Caminhos Escusos da Moral	55
9. O Controle Ético da Moral	61
10. A Síntese Estética da Consciência	67
11. Os Perigos da Consciência Prática	74
12. O Ser Moral	83
13. A Certeza da Vida Após a Morte	90
Ficha de Identificação Literária	99

O que todos devemos saber

O avanço do conhecimento nos últimos dois séculos, e particularmente neste século, deu-nos, pela primeira vez no mundo, os dados necessários para o esclarecimento científico da problemática existencial, ou seja, da natureza e da condição do homem. O desenvolvimento da razão e, conseqüentemente, das técnicas de pesquisa abriu-nos possibilidades decisivas de uma penetração mais profunda no mistério de nós mesmos. Libertamo-nos da sistemática filosófica e do emaranhado contraditório das proposições teológicas, para encararmos o problema do homem com realismo, sem os temores e os embaraços da superstição e da religião. Mas a pesada herança dos milênios de obscurantismo, alimentados pela magia primitiva, pelo temor do sagrado, pela nebulosidade dos conceitos formais sobre as coisas e os seres, tudo isso em conflito com a mentalidade mitológica, as concepções materialistas, a ferocidade das instituições religiosas, gerava um pandemônio que não podia levar a nada. Todos tinham e não tinha razão, mas vencia a *sem-razão* dos mais poderosos.

Atualmente, apesar dos pesares, a metodologia científica e as técnicas romperam as antigas barreiras, graças aos resultados positivos de suas atividades, criando condições mais favoráveis a um tratamento objetivo do problema do homem. Nossa visão atual oferece mais opções racionais para uma tomada de posição realista e liberta de perturbações da metafísica fideísta. Acentuou-se nas massas a tendência pelas descobertas científicas e definiu-se a existência de uma elite do saber que dispõe de recursos para afugentar as fascinações da mentira piedosa. Queremos hoje a verdade provada e não apenas o carimbo oficial dos supostos

donos da infalibilidade consagrada pela evidente falibilidade humana.

Essa é a razão de voltarmos, neste livro, às teses antigas sobre o homem e particularmente sobre os temas de Léon Denis em seu livro *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*. Não repisamos esses temas, mas procuramos desenvolvê-los mais amplamente na perspectiva filosófica e científica dos nossos dias.

A posição de Denis, ligada aos fins do século passado e princípios deste século, é ainda bem recente. Mas o aceleração cultural de hoje encurtou as fases, antes seculares, da complementação de dados substanciais em diversos rumos da problemática. Não se trata, pois, de uma revisão arbitrária de obra clássica e consagrada culturalmente, que continua válida e necessária, na sua inteireza de pensamento e linguagem, mas de um desenvolvimento também necessário dos temas do grande pensador da Lorena, que teria hoje novos dados para enfrentar Voltaire na quase polêmica de que o poeta Gaston Luce, contemporâneo de ambos, nos dá numa rápida informação em seu livro *Vida e Obra de Léon Denis*. Os leitores de Denis verão que não nos ativemos ao seu esquema e nem tentamos reformular as suas proposições. Procuramos apenas ajustar a sua temática à realidade dos nossos dias. Valemo-nos de nossa afinidade com Denis e sua obra para continuar tratando do assunto, com a maior amplitude possível, no desenvolvimento atual da cultura. Essa é uma exigência do nosso tempo, considerada como indispensável em todos os ramos do conhecimento. Cada fase do desenvolvimento cultural cria novo clima e oferece maiores possibilidades para o trabalho intelectual. As obras clássicas correspondem às diversas fases do passado e são consideradas completas em si mesmas, obras feitas e intocáveis na sua dignidade de testemunhas da grandeza do seu tempo. É crime desfigurá-las a pretexto de atualizá-las, como fazem hoje as religiões cristãs em suas novas edições da Bíblia. Essa violação

criminosa (crime moral e crime cultural ao mesmo tempo) só ocorre, por estranho que pareça, justamente nas áreas religiosas, que consideram sagradas as obras da revelação. Ignorância e interesse imediatista de venda e de proselitismo são as molas dessa criminalidade religiosa. Mas não se pode negar a cada época o direito e o dever de elaborar as suas próprias obras, que testemunharão as condições culturais de seu tempo.

No tocante ao problema que enfrentamos neste livro, a necessidade de uma atualização epistemológica se impõe, no aproveitamento das novas condições surgidas para o melhor e mais completo conhecimento do problema à luz dos novos dados obtidos pela pesquisa histórica e cultural em geral.

Ante o avanço científico e filosófico da atualidade, com reflexos profundos no plano religioso, a concepção geral do mundo, a mundividência especulativa ou dogmática do homem comum, negativa ou positiva, ampliou-se nas perspectivas cósmicas. Materialistas e espiritualistas, racionalistas e fideístas, romperam a estreiteza de suas convicções acanhadas. Uma nova revolução copérnica explodiu no interior das bastilhas, das Igrejas e por trás das muralhas do Kremlin. Por toda a Terra, como num desafio de milênios, a mente popular e a das elites abriram-se sofregamente para a percepção do ilimitado. O curioso é que essa abertura ocorreu sobre os destroços da segunda conflagração mundial, num misto generalizado de temor e esperanças. Essa virada do finito para o infinito confirmou a validade das utopias, segundo a tese de Karl Mannheim. A descoberta científica da percepção extra-sensorial comprovou a capacidade humana de antecipar mentalmente as realidades futuras. Fomos obrigados – literalmente obrigados – a aceitar uma nova cosmovisão, em que o homem não mais aparece como o *bicho da terra*, tão *pequeno*, de Camões, mas a Fênix egípcia de asas misteriosas, que vence o tempo, o espaço e a morte. Todas as nossas idéias sobre a realidade nossa e

do mundo foram postas em cheque. A matéria foi virada no avesso pela descoberta da antimatéria, perdeu sua solidez em troca da fluidez, que considerávamos uma heresia científica, e o espaço físico e imutável dispersou-se na multiplicidade dos hiperespaços. Somente os alérgicos ao futuro, na expressão de Remy Chauvin, continuaram a bater no peito, como beatos inconversíveis, repetindo os credos de um passado sombrio. Como na teoria aristotélica de potência e ato, basta-nos abrir as pálpebras após o sono para que a visão da alvorada nos atualize na realidade nova. Os que quiserem continuar de olhos fechados poderão fazê-lo, como toupeiras que se recusam a sair da cova.

A liberdade do homem só é limitada por ele mesmo. O seu próprio despertar depende do seu desejo ou não de ver o raiar do Sol. Estimular nos leitores esse desejo é a principal finalidade deste livro provocado por um velho armênio de espírito jovem, curtido nas dores do mundo.

1.

Os Capatazes de Deus

As explicações religiosas sobre a dor e a morte apóiam-se até hoje em conceitos mitológicos provenientes da mais alta Antigüidade. Originam-se da idéia primitiva e, portanto, simplória da criação do mundo pelos deuses. Esses deuses, por sua vez, não passam de criaturas humanas divinizadas, que regem o mundo em que vivemos e todo o Universo através de poderes mágicos que se manifestam na realidade sensível em forma de decretos irrevogáveis. Caímos assim nas garras de um fatalismo totalitário, do qual não podemos escapar de maneira alguma. Nascemos, vivemos e morremos como peixes de um aquário ou como os galináceos de um vasto galinheiro, criados apenas para o corte impiedoso dos interessados em lucros. A vontade humana não conta. Os deuses nos criam, alimentam e devoram. Somos animais de corte que se contentam com as rações e as vítimas inferiores que nos permitem caçar. O máximo que podemos fazer é suplicar de mãos postas que os deuses não se esqueçam de nos dar as rações e de tratar-nos de maneira benigna. Dispomos do recurso das súplicas e da obediência, dos ritos de submissão, dos louvores obrigatórios aos deuses para, pelo menos, conseguirmos algumas concessões benévolas dos poderosos, mas sempre na certeza de que iremos para o sacrifício mais cedo ou mais tarde. Contamos também com a proteção possível de alguns capatazes generosos, que podem aliviar-nos quando quiserem.

Com o advento do Monoteísmo, da crença de um Deus Supremo único, nossa miserável condição subumana não melhorou muito. O Senhor implacável jamais concordou em conceder-nos a alforria. Continuamos presos como os negros nas senzalas e ten-

tamos revoltas inúteis, que só serviram para aumentar as nossas dores. O Deus Supremo é irascível e pode irritar-se com as nossas pretensões. O chicote da dor está sempre erguido sobre os nossos lombos e a morte sempre à espreita para nos ceifar. Os raios de Júpiter podem cair sobre as nossas cabeças a qualquer momento, sem sabermos por que motivo. Deus não precisa de motivos e não se preocupa com arrazoados de espécie alguma.

Apesar dessa irreduzível e trágica visão da vida, continuamos a viver, pois gostamos de estar vivos e detestamos a morte. A dor mais insuportável se torna suportável quando nos lembramos das ameaças dos capatazes de Deus sobre as penas eternas. A idéia de uma eternidade de dores nos perturba e preferimos esperar vivos a hora do corte. Só os que se desesperam e não encontram alívio algum na vida acabam apelando para a morte. Desse impasse resultou a rebelião das senzalas no plano mental, com as tentativas de golpe de Estado da Filosofia e das Ciências. O Positivismo, o Materialismo, o Pragmatismo e outros *ismos* da mesma espécie tentaram abrir algumas brechas de liberdade nas muralhas da vida, para libertá-la. Mas caíram numa situação desesperadora, pois tiraram dos homens as poucas esperanças que lhes restavam. O Buda e o Cristo chefiaram revoltas mais aceitáveis. Mas o Buda apelava para a fuga e o Cristo pareceu suspeito, por se dizer Filho de Deus. Os capatazes puseram a boca no mundo, com ameaças terríveis para os que se bandeassem para o lado inimigo. Era perigoso arriscar um olho para quem só possuía dois. Surgiram os místicos do terceiro olho, mas os homens sensatos desconfiaram de uma cilada, em virtude da própria posição esquiva desse olho estepe.

Na própria Bíblia hebraica que os capatazes diziam, com autoridade indiscutível, ser a Palavra de Deus, figurava o pacto de Noé com Iavé (o Deus dos Judeus), povo esperto firmado logo após o Dilúvio. Nesse pacto estava clara a posição de Deus, que

exigira duas coisas da Humanidade: o povoamento total da Terra e a reserva absoluta de todo sangue derramado para a alimentação do Senhor. Até hoje os judeus ortodoxos mantêm matadouros rituais em que o sangue dos animais abatidos é reservado exclusivamente para Deus. A fim de evitar abusos, os capatazes inventaram que a alma de todos os seres está no sangue, de maneira que, com os chouriços, o homem corria o risco de engolir almas de animais e animalizar-se. Ficou claro que Deus era carnívoro, quando Noé lhe fez um altar no Monte Ararat, após o Dilúvio, e Iavé debruçou-se guloso sobre as carnes assadas que o esperto Noé pusera para ele no altar. Iavé não comeu as carnes, mas aspirou gulosamente as deliciosas emanações daqueles assados, em que o sangue das vítimas subia nas espirais de fumaça. Quem visse Iavé naquele momento, de narinas escancaradas para não perder o menor fiozinho de fumaça alimentícia, podia compreender a importância do sangue humano (o mais precioso) nos banquetes celestiais. E quem visse as matanças coletivas no mundo e as fogueiras acesas febrilmente pelos inquisidores compreenderia a razão daquele dispositivo do pacto que dizia: “Povoai toda a Terra, enchei-a com vossa descendência”. Iavé exigia todo o sangue dos animais e da humanidade para a maior produção dos frigoríficos celestiais. Os capatazes de Deus também compreenderam isso e criaram taxas especiais a serem pagas pelos que, ritualmente impedidos de comer carne em dias santificados, recebessem licença especial, de maneira a que não se diminuísse a matança universal de que resultariam os estoques de sangue. Por tudo isso o sangue se tornou a mais preciosa das coisas nos ritos e sacramentos das Igrejas. Pois nem mesmo o sangue sagrado do Cordeiro de Deus havia sido poupado! Deus perdoava tudo aos homens, menos a dor e a morte, sem as quais não seriam possíveis as matanças.

Esse quadro, toscamente esboçado, da Tragédia Universal, pode despertar os homens para uma compreensão mais clara e

precisa do significado da dor e da morte na Terra. Continuamos, ainda hoje, submetidos à fascinação dessas idéias arcaicas, com que ainda se alimentam teologias e filosofias sanguinárias por todo o mundo. Enquanto não nos livrarmos dessa fascinação cruenta não chegaremos à compreensão real do que são a dor e a morte na vida humana e continuaremos a viver sem saber por que o fazemos. Nossa vida humana tem o sentido estranho de uma concessão condicionada às exigências interesseiras de um grande monopólio celestial do sangue. E continuaremos a derramar o sangue dos animais e dos nossos semelhantes para agradar a um Deus insaciável. Por mais invenções e conquistas que fizermos, não passaremos da condição desses trogloditas que continuam em matanças selvagens e brutais nos países mais supostamente civilizados deste planeta ensangüentado.

Isso prova que a Civilização não passa de uma domesticação de feras indomáveis. Mais de vinte grandes Civilizações desfilarão pelo planeta até hoje, segundo os cálculos de Toynbee, e os homens continuam os mesmos. As dores do mundo aumentaram, a ação das Civilizações mostrou-se contraditória, eliminando males antigos e criando novos e mais terríveis males. O progresso das Ciências e das Técnicas foi enorme. O homem voa mais seguro e mais veloz que os pássaros, chegou a pousar na Lua e voltar à Terra, mas enfermidades terríveis se espalharam pela Terra, como as várias formas cancerígenas, os enfartes, os distúrbios nervosos, psíquicos e mentais e assim por diante. Vivemos no mundo do terror, da insegurança, carregando em nós mesmos o germe dos males que nos assaltarão e nos matarão na hora prefixada de Édipo.

Devastamos a Terra, poluímos a atmosfera que temos de respirar, liquidamos as defesas ecológicas naturais, envenenamos o céu e o mar. As perspectivas de novas dores e tragédias inevitáveis são muito maiores e mais ameaçadoras do que nos milhões de

anos decorridos. Chegamos ao cúmulo de voltar ao canibalismo e aos massacres genocidas. Aumentamos muito a nossa capacidade de produzir novas, mais agudas e mais espantosas formas de dor para toda a Humanidade. Parece evidente que, mais do que o acaso ou o destino, somos nós os produtores dos males que nos afligem.

Estamos na hora de perguntar se a dor é realmente uma das alavancas da evolução humana e da evolução geral, ou é apenas um subproduto de nossas loucuras industrializantes. Seria a dor, como supusemos até agora, um meio de desenvolvimento da sensibilidade ou uma forma de seu embotamento? Tentamos suprimi-la através de anestésicos e somos forçados a multiplicá-la por meio de mecanismos infernais. Qual é a função da dor, da miséria, do sofrimento individual e coletivo no mundo em que vivemos? As crianças choram ao nascer com medo do mundo ou por piedade de si mesmas? São múltiplos os problemas da atualidade mundial, envolta em sangue, desespero e lágrimas. Sabemos que iremos morrer, mas cada morte aumenta as dores do mundo e em cada enterro ou cremação desaparece um ente querido que lança os vivos em novas angústias. Não descobrimos ainda nenhum meio de dominar as dores que nos perseguem, como hienas famintas, desde que nascemos até o momento fatal da morte.

2. Os Mecanismos do Sensível

O mundo do *sensível* e o mundo do *inteligível*, em que Platão divide a realidade, encerram os mistérios da morte e da vida. Temos no *sensível* o mundo morto da matéria bruta ou compacta, e no *inteligível* o mundo da matéria refinada e vibrátil, animada e dotada de sensibilidade. Apesar do dualismo aparente, esses dois mundos se fundem na realidade única do ponderável universal, hoje inteiramente acessível aos nossos instrumentos ou aparelhos externos e extracorpóreos de percepção. O Deus bíblico dos judeus, herdeiro das tradições mágicas do Egito, arrancou o mundo do nada, do vazio da sua cartola, mas os deuses gregos, sérios e modestos, preferiram arrancá-lo da realidade subjacente das coisas, que constitui o plano do *sensível*. Deucalião e Pirra, os heróis do dilúvio grego, repovoaram a Grécia catando pedras e atirando-as para trás, sem olhá-las, para não perturbarem o milagre da conversão dessas pedras em seres humanos. Essa parábola aparentemente ingênua contém o segredo da relação entre o *sensível* e o *inteligível*. Os primeiros judeus nasceram do barro de Ur, na Mesopotâmia, mas os primeiros gregos nasceram das pedras de Delfos, onde ergueriam mais tarde o Oráculo de Apolo. Apesar de nascidos do barro, do limo da Terra, como diz o texto sagrado, os judeus se arrogaram o título racial de Filhos de Deus.

Toda essa estória é muito curiosa e cheia de subentendidos e significados ocultos, que somente hoje se tornam transparentes. Os oráculos gregos viam mais longe que os profetas judeus.

Mas o que mais nos interessa, confirmando os poderes intuitivos dos gregos, é a revelação dos mecanismos do *sensível*, no processo de transformação das pedras em homens. Na linha ato-

mista posterior, filósofos gregos, como Leucipo e Demócrito, mostrariam que a pedra, insensível em si mesma, era sensível à nossa percepção, carregando em suas entranhas catalépticas o germe oculto da humanidade pós-diluviana. As entranhas da pedra constituíam-se, como hoje sabemos, de torvelinhos atômicos. A inércia aparente da pedra velava, na realidade, o futuro nas franjas do Véu de Ísis. A herança egípcia da Grécia arcaica, consubstanciada na mitologia da pedra e nas mutações da metempsicose, permitia aos gregos compreender os mecanismos do *sensível*. A gestação secreta das energias atômicas no ventre das pedras não ameaçava o mundo com explosões destruidoras, mas, prometendo-lhe antes a multiplicação das espécies vivas, desde as misteriosas favas de Pitágoras, até o repovoamento da Hélade após a Guerra do Peloponeso. Reconhecida a função geradora do mineral, tornava-se possível a compreensão das relações entre os vários reinos naturais. Além disso, a concepção monista do mundo e do Universo, antecipada na matemática lírica de Pitágoras, com sua música das esferas siderais e a teoria do isolóismo, segundo a qual a Terra era um ser vivo, levaria à compreensão de que o *sensível* e o *inteligível* não eram mundos antípodas, mas fundidos e interpenetrados.

Essa realidade panorâmica, captada pela intuição grega, preparou-nos para aceitarmos mais tarde, em tempos amargos do planeta, que a dor não tinha funções puramente humanas. Não é apenas o homem que sofre com a dor, mas toda a estrutura sensível do gigantesco organismo de um Universo vivo.

Sendo assim, não podemos atribuir as dores do mundo, que levaram Schopenhauer à loucura, apenas às ações humanas. Foi o que Kardec percebeu, nas suas pesquisas espíritas, ao verificar que as mesas-girantes eram movidas, não por cargas elétricas ou magnéticas, como supusera a princípio, mas por emissões ectoplásmicas dirigidas intencionalmente e controladas por inteligên-

cias reveladoras dos arcanos da natureza. Kardec, de origem palingenésica celta, percebeu a profundidade e a extensão dessa renovação dos conceitos do seu tempo, mas viu-se obrigado a restringir-se às condições culturais médias da sua época para, como professor e didata exímio, preparar com sua obra os caminhos do futuro. Sempre que Kardec se restringe ao aspecto humano dos problemas espíritas o faz por necessidade metodológica, pois a Europa do seu tempo não estava em condições de poder enfrentar com proveito as idéias avançadas que devia apresentar e defender. Nem sequer os problemas atômicos haviam se desenvolvido. Convém lembrar que as raízes celtas e, portanto, druídicas de Kardec estavam ligadas, de um lado, à Filosofia Grega da área socrática, e de outro lado aos ensinamentos do Cristo, na Palestina. Aristóteles referiu-se aos celtas como o único povo filósofo que havia encontrado no mundo, e o próprio Kardec incumbiu-se de estabelecer o confronto, na *Revista Espírita*, dos princípios do Cristianismo e do Espiritismo com a doutrina tríplice dos druidas. É historicamente evidente essa tríplice ligação, como Kardec o provou no seu estudo citado. Depois de sua morte, Kardec voltou ao assunto numa comunicação mediúnica em que considerou a França como uma espécie de refletor dos pensamentos renovadores do Alto. Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* considerou Sócrates e Platão como precursores das idéias cristãs, restabelecendo as ligações espirituais entre a Palestina do tempo de Jesus, a França e a Grécia antiga. São essas as três fontes da Cultura Espírita. A Universidade Espírita do futuro terá a incumbência de aprofundar os estudos desse problema de importância fundamental para a Era Cósmica de que já nos aproximamos. No plano místico da História Cristã, a lenda piedosa da fuga de Madalena para a França, após a crucificação do Cristo, pode ser considerada como uma prova poética da ligação dos bardos celtas (poetas-sacerdotes) com o surto literário do Romantismo, exposto no manifesto de Victor Hugo como produto do impacto do Cristia-

nismo no mundo. Não foi à-toa que o túmulo de Kardec em Paris foi esculpido nos moldes de um dólmen druídico, fixando na pedra os altares rústicos das florestas celtas.

O princípio kardeciano da unidade seqüente, que ele expressou da maneira mais simples e didática: “Tudo se encadeia no Universo”, reflete-se na sua vida e na sua obra. A Grécia, a Palestina e a França formam o patamar do novo mundo que nasce das entranhas minerais do planeta e envolve toda a Terra na rede sutil e ao mesmo tempo poderosa de uma nova concepção da vida, do homem e do mundo. Nessa concepção, a dor nos revela a sua face oculta.

A mecânica dos átomos, semelhante à mecânica dos astros, teve a imensa teia de ações e reações que abrange o finito e o infinito em suas múltiplas expressões. E nessa teia se insere a fluídica das mônadas, no conceito platônico que Leibniz desenvolveu em nosso tempo; a mônada platônica é a *idéia*, semelhante à *forma* aristotélica que modela as coisas e os seres. Na sua essência é apenas um ponto invisível no espaço e sua pequenez escapa às nossas possibilidades de avaliação matemática. Na sua mínima estrutura encerra a máxima potência. É a síntese máxima. Menor que as homeomerias de Empédocles, formas infinitesimais dos órgãos e dos membros das coisas e dos seres, que se ajustam na formação material desses órgãos e membros. É o sêmen invisível e imponderável do pensamento de Deus que fecunda a matéria.

Henri Bergson viu-as em caudais, na sua genial concepção do élan vital infiltrando-se na matéria para aglutinar os seus elementos no processo da evolução criadora. Hegel antecipara essa visão na sua teoria estética, descrevendo a epopéia do belo em luta com a matéria, desde as formas monstruosas da arte oriental antiga, nos templos indianos, até o artesanato das criações estéticas da Europa. A Ciência atual, nas pesquisas sobre os centros padronizadores dos órgãos e membros de corpos animais, especialmente

de ratos, mostraram que as homeomerias não são uma criação imaginária e ingênua, mas a percepção, antecipada pelos gregos, das formas padronizadoras existentes nos corpos. Deslocando-se um braço de frente de um embrião de rato para o lugar de uma perna traseira, e vice-versa, a perna cresce como braço e o braço como perna. A curiosa idéia das homeomerias aparece então como uma forma de percepção dos padrões ocultos no corpo. Confirmou-se também, com essas pesquisas, a intuição de Claude Bernard sobre a necessidade de um modelo energético para o corpo humano. Nas recentes e famosas pesquisas da Universidade de Kirov, na URSS – rejeitadas pelo Estado Materialista dogmático, mas sustentadas pelos cientistas pesquisadores –, estes fizeram a descoberta do corpo-bioplásmico do homem, modelo e sustentador do corpo físico, ao qual deram essa denominação por ser ele o corpo que dá vida ao corpo material e constituído de plasma físico. Pesquisadores da Universidade de Prentice Hall, dos Estados Unidos, confirmaram essa descoberta e a divulgaram em livro editado pela Universidade.

Os mecanismos do *sensível* foram assim descobertos. Trata-se de processos atômicos e subatômicos, nos quais intervêm a anti-matéria e as mônadas. Estas representam o elemento espiritual, designadas pelo Professor Rhine, na Parapsicologia, como extrafísicos. É graças a essa conjugação de forças, somente agora comprovadas pela pesquisa científica objetiva, que os mecanismos do *sensível* transformam o reino mineral em vegetal e este em reino animal, do qual surgiu na Terra o Reino Hominal, configurado na Espécie Humana. Em todo esse vasto, profundo e multimilenar processo da evolução criadora, a dor se manifesta nos atritos, desajustes e dispersões de elementos, despertando a sensibilidade monádica através de estímulos e desenvolvimentos sucessivos. Kardec sustentou essa teoria, que já confirmara em suas pesquisas da Ciência Espírita, na segunda metade do Século XIX. Léon Denis a sintetizou na sua conhecida expressão poética: “A alma

dorme na pedra, sonha do vegetal, agita-se no animal e acorda no homem”. Gustave Geley, em seu livro *Do Inconsciente ao Consciente*, sustentou a existência do *dinamismo-psíquico-inconsciente*, como elemento universal determinante dos processos evolutivos em todos os reinos da Natureza. Kardec antecipou a teoria da transcendência das atuais Filosofias da Existência, sustentando, com base em suas pesquisas espíritas, que o Reino Hominal evolui para a Angelitude, no desenvolvimento das potencialidades do homem. A Angelitude é a condição angélica que a Humanidade deverá atingir na sua evolução terrena, transferindo-se para os Mundos Superiores das constelações cósmicas.

Dessa maneira a dor se apresenta, fora dos limites estreitos da concepção antropomórfica, como uma decorrência natural dos processos evolutivos em todo o Cosmos. É uma conseqüência dos esforços despendidos pelas coisas e os seres, em luta com os obstáculos internos e externos com que todos nós e todas as coisas e seres se deparam nos caminhos da evolução universal. Toda estase adquirida configura uma situação de impasse que terá de ser rompida pelos mecanismos do *sensível*. Sofre a pedra, sofre o vegetal, sofre o animal e sofre o homem em cada curva implacável do desenvolvimento de suas potencialidades. Denis viu isso com clareza ao afirmar que a dor “é uma lei de equilíbrio e educação”, referindo-se especialmente à Humanidade. A essa lei universal nada e ninguém pode fugir. O universo é teleológico, dirige-se, em tudo e em toda parte, a finalidades definidas. Não é isso que vemos ao nosso redor, desde que nascemos até morrermos? Um fato assim tão evidente, incessantemente repetido, já trás em si mesmo o selo natural da sua comprovação, que só os espíritos sistemáticos podem pôr em dúvida.

No tocante à reencarnação humana, que é apenas um detalhe da lei grega da palingenesia, do constante e inevitável renascimento de todas as coisas e todos os seres, trazemos em nossa

própria consciência a certeza secreta de termos de passar por esse processo. Mas na reencarnação humana o problema da dor se complica com a presença no homem da consciência de si mesmo e de seus deveres. Ação e reação são inevitáveis, em todos os planos, mas o homem tem a vantagem de saber qual é o seu destino e como pode e deve empregar o seu livre-arbítrio para alcançar os objetivos superiores da sua destinação cósmica. Ele é o responsável único pelas suas opções e os seus atos, pensamentos, desejos e palavras. O perdão de Deus pode auxiliá-lo em suas situações desesperadas, mas só ele mesmo pode redimir-se, corrigindo e superando os seus erros. Pesa sobre os seus ombros a responsabilidade moral que adquiriu na sua evolução espiritual. Nenhum sacerdote e nenhuma entidade espiritual pode livrá-lo dos compromissos que assumiu. Deus não o castiga nem o recompensa. O Tribunal de Deus está instalado em sua consciência e ele mesmo se condena e se pune, no uso pleno da sua liberdade. Seus sofrimentos e angústias nasceram de sua própria consciência e só nela podem apagar-se. Deus lhe conferiu a jurisdição de si mesmo. A dor que o aflige não é castigo de Deus, mas é fogueira que ele mesmo acendeu e pode apagar por si mesmo. Essa solidão do homem é a sua própria grandeza. Ele tem nas suas mãos o poder de fazer e desfazer o seu destino, de se fazer maldito ou se tornar divino.

3.

Do Sensível ao Inteligível

O reino mineral contém, na sua dinâmica secreta, todas as potencialidades da criação. Permanece em êxtase (como adormecido) sujeito apenas à movimentação externa que lhe é dada pelo vento, pela chuva, pelos desníveis das camadas de terra interiores, pelos abalos sísmicos e as erupções da pirofera nas explosões vulcânicas. Ante a extensão tranqüila e imóvel dos areais no deserto, das montanhas e geleiras impassíveis, os homens se julgam senhores absolutos de um mundo morto. Mas a intuição monádica os adverte que a vida palpita sob os disfarces da morte. Os panoramas majestosos da solidão externa sugerem-lhe o formigar oculto das potências em gestação. Os vendavais, os rios, os temporais e os sismos lhe mostram que, sob a inércia aparente das coisas há uma trepidação secreta. As mônadas modelam em silêncio as formas das coisas e dos seres, as constelações atômicas atritam-se com as sementes monádicas, fazendo-as germinar. As potências adormecidas acordam no ventre das camadas minerais e determinam a partogênese das primeiras florações vegetais. Na seqüência dessas atividades secretas os vegetais despertam as potências animais e nessas se manifestam os primeiros sintomas da inteligência subjacente em cada grão de areia, em cada folhinha tímida de relva.

Assim como no cadáver que se retira intacto de um túmulo em que não se desfez, e ao ser exposto à infiltração do ar começa a se desfazer em vermes pululantes, a terra morta explode em movimentação incessante e o mundo fervilha nas manifestações vitais. A química da vida rompe o silêncio mortal e desencadeia a proliferação dos seres. A dor fulgura pela primeira vez nas fibras

do *sensível*, revelando a passagem mágica deste para o *inteligível*. O homem, se já existisse, como o figuramos neste quadro genésico, poderia então perceber as primeiras manifestações da inteligência incubada nas estruturas aparentemente mecânicas das coisas e dos seres. O princípio inteligente se revela no tropismo das raízes que penetram no solo em busca de água, na corola das flores que se voltam para a luz do Sol, no instinto dos animais que buscam alimento e proteção, desenvolvendo as proles e construindo suas tocas como se obedecessem a esquemas previamente traçados.

A imagem ancestral da Terra morta é atualmente revista pelos astronautas que pousam na Lua. Testemunho de Deus, o homem assiste à epopéia da Gênese planetária – num minúsculo recorte do Universo – e o faz através da seqüência das gerações terrenas, na magia telúrica e espantosa das reencarnações progressivas da sua própria espécie. O que a Gênese Bíblica nos apresenta num esquema fantasioso, A Ciência do homem reconstrói no tempo com seus dados objetivos, colhidos nas entranhas do planeta. O grande laboratório guarda os seus registros na própria carne da Terra para que o homem possa reconstruir o seu próprio passado na consulta à memória planetária. Desígnio, intenção, atividade criadora, previsão, tudo isso ressalta das investigações científicas na crosta terrena e nos depósitos de fósseis. Atribuir tudo isso ao acaso seria negar a casualidade como seqüência de ocorrências sem sentido. Seria fazer do acaso um ser casualmente inteligente. A Ciência não se alimenta de acasos, mas de causas. São estas que importam para a tomada de consciência do homem diante da realidade universal.

As mistificações forjadas na Filosofia, na Teologia e na Ciência, para afastar a presença de uma Inteligência Suprema na realidade cósmica (ou minimizá-la), são manifestações evidentes de uma vaidade de pigmeus africanos escolarizados. O homem ainda

não dispõe de possibilidades para uma investigação dessa natureza em amplitude cósmica. As opiniões dos sábios, como dizia Kardec, são válidas na medida em que se ajustam à especialidade do sábio. A verdade sobre o Cosmos é conhecida ainda em termos arrasadoramente insuficientes para que alguém possa negar a evidência, comprovada até agora na pesquisa de dados objetivos, de que a estrutura inteligente do Cosmos só pode ser explicada pela ação de uma Inteligência Cósmica. Os mecanismos do *sensível* e a evolução do *inteligível* na Terra estão decisivamente comprovados pelas pesquisas científicas. Qualquer refutação dessa evidência só terá valor quando apoiada em pesquisas da mesma ordem. Fora disso, só temos opiniões pessoais que nada valem no campo científico.

Na Ciência Espírita a prova da existência de Deus é dada em termos rigorosamente científicos, pelo exame objetivo e lógico da estrutura da realidade cósmica. A conclusão lógica é de bronze, como assinalou Richet, a quem os mais significativos fenômenos parciais não conseguiram convencer. O veredicto final de Kardec foi assim resumido: “Não há fenômeno inteligente sem causa inteligente, e a grandeza do fenômeno corresponde necessariamente à grandeza da causa”. Podemos acrescentar que não há grandeza maior, mais evidente e mais comprovada do que a da Inteligência Cósmica revelada em todos os aspectos conhecidos do Cosmos. Essa rigorosa posição científica só pode ser contestada por meio de sofismas facilmente elaborados por criaturas opináticas.

A dor, em seus múltiplos aspectos, físicos e morais, acha-se entranhada na realidade cósmica como elemento necessário da evolução universal, que decorre dos processos naturais de desenvolvimento das potencialidades genésicas através da passagem da potência a ato. Todo ato é um parto e todo parto é doloroso. Só podemos supor um mundo sem dor imaginando o completo de-

envolvimento de todas as potencialidades das coisas e dos seres, o que não passaria de pura especulação imaginativa. Nos mundos em que a matéria densa predomina, como o nosso, o espírito ainda está sujeito às leis físicas e viriais, ou seja, biofísicas. Os longos ciclos evolutivos necessários ao desenvolvimento das potencialidades mostram-nos que o processo não é imediato ou mágico, mas lento e gradual, regido ao mesmo tempo pelas leis físicas, biológicas e espirituais. As relações entre espírito e matéria implicam sempre em contrastes dialéticos de ação e reação, de luta e fusão, antes que atinjam o plano dialético da fusão harmoniosa, segundo a concepção de Hammeleim. Nas primeiras fases genésicas o espírito (no caso designado apenas como *princípio inteligente*) atrai a matéria dispersa, como o ímã atrai a limalha, e aglutina a matéria aos esquemas formais do projeto divino. Incorporada a matéria ao espírito, a fusão se realiza objetivando a síntese. Mas esta vai ser o resultado de um duplo e recíproco apresamento: o da matéria pelo espírito e o do espírito pela matéria. A dor reponha naturalmente desse embate de potências adversas. Por isso Kardec definiu a matéria como “o laço que prende o espírito”. Essa prisão recíproca do espírito à matéria e da matéria ao espírito prolonga-se no tempo e no espaço, na duração necessária para que as potencialidades do espírito se desenvolvam. Todos sabemos, por experiência própria, como os desejos imediatistas da matéria se opõem aos anseios de transcendência do espírito e vice-versa. Por isso Unamuno considerou o homem como um drama e os existencialistas atuais reconheceram, inclusive Sartre, que o objetivo do homem é a transcendência. Do materialismo filosófico passamos, em plena era pragmatista e materialista, à concepção do homem como espírito, o que foi uma vitória inegável e irredutível de Kardec.

O princípio do *inteligível* em Platão não se refere apenas à inteligência dos seres, mas também à inteligibilidade de todas as coisas. Praticamente, o *inteligível* é a chave da compreensão geral

do mundo, sem a qual a porta do saber não se abriria para a Humanidade. Passar do *sensível* ao *inteligível* equivale a uma escala da espiritual que leva os seres do plano da simples percepção das coisas ao plano complexo da compreensão de toda a realidade. Na Ciência Espírita esse princípio platônico aparece como aplicação do método racional à explicação da realidade. Na Filosofia Espírita ele é a Razão de Deus ordenando o mundo, justificando o homem e ajustando o pensamento humano ao real. Na Religião Espírita ele é o sustentáculo único da fé, pois só a fé racional, como sustenta Kardec, pode enfrentar a razão face a face, de igual para igual, em todas as fases da evolução humana. A fé dogmática, cega e irracional, que se apóia em opiniões tiradas de velhas tradições mitológicas e folclóricas, murcha nos caminhos da evolução na medida em que a Razão do Mundo vai se revelando à inteligência humana. O emurcheçar da fé dogmática é amargo e trágico, mergulhando as religiões formalistas e dogmáticas no charco dos interesses materiais, fato que hoje estamos presenciando em todo o mundo.

São dolorosas as manobras feitas pelo dogmatismo opressor para sustentar-se em pé ou de cócoras na corrente evolutiva. Ao contrário disso, a fé racional ou raciocinada acompanha e não raro antecipa as posições novas do pensamento na busca da verdade legítima e natural. O homem trás em si mesmo, na sua consciência e na sua afetividade, o impulso fideísta. Descartes, na sua busca introspectiva da realidade, mergulhando no *cogito*, em profunda cogitação filosófica, descobriu a idéia de um ser supremo e perfeito em si mesmo e declarou que a idéia de Deus está no homem como a marca do obreiro em sua obra. Kant observou que essa idéia é o mais elevado conceito formulado pela mente humana, pois encerra em si mesma a síntese da realidade universal. Kardec, em suas pesquisas psicológicas sobre a questão, concluiu que o homem trás em si a *lei de adoração*, que se comprova no plano histórico pelas manifestações universais, de todos os povos e de

todas as fases da evolução humana. A exigência constante dos ritos de adoração em todas as condições existenciais do homem revela a natureza ôntica dessa lei e todas as condições do homem provam que ela tem sua fonte no próprio *onto*, ou seja, no próprio ser da criatura humana. Disso resulta que o homem é um ser religioso. Mas a religião, para Kardec, embora se manifeste historicamente em processos rituais, não se prende a essas formas de simples exteriorização, definindo-se, na sua expressão mais legítima, como adoração íntima e consciencial. Corroborando isso, Bergson uniu a religião à moral, considerando que a verdadeira religião é individual e absorvente, não se conformando com as religiões formais e coletivas. Pestalozzi, que foi mestre de Kardec, já havia afirmado, antes da tese bergsoniana, que a verdadeira religião é a Moralidade. A dor marca a religião em todos os seus aspectos, revelando que a sua origem está no impulso de transcendência do homem.

Dessa maneira, o conceito antropomórfico da dor, como castigo de Deus, resultante do pecado, seja como problema de consciência ou como resultante cármica, proveniente de ações maléficas em vidas anteriores ou remorsos decorrentes dessas ações na vida presente, não passa de um resíduo do antropomorfismo que assinala as fases iniciais do desenvolvimento humano. A palavra *karma* é indiana e provém do sânscrito, mas vulgarizou-se na cultura espírita pelo fato de reduzir a expressão espírita *efeitos da lei de ação e reação* numa só palavra. A tendência ao antropomorfismo, natural no homem, contribuiu poderosamente para integrá-la na linguagem espírita, sem nenhum prejuízo doutrinário quanto à sua significação. A Doutrina Espírita tem a sua terminologia própria, específica, que não pode ser alterada ou atualizada, como pretendem alguns novidadeiros. Mas isso não impede que um termo ou outro, absorvido naturalmente pelo meio espírita, a ponto de se tornar usual, seja aceito pelos estudiosos. Alguns jovens afoitos e alguns velhotes novidadeiros querem transformar

a terminologia espírita num saco de gatos, sem o menor respeito à tradição e à estrutura da doutrina. Na lingüística em geral a lei de absorção de termos enxertados permite esses enxertos quando eles podem facilitar o trânsito das línguas, sem prejuízo das estruturas lingüísticas em questão. Em geral, a própria linguagem afetada por esses atentados terminológicos rejeita os termos impróprios, devolvendo-os à praia, como faz o mar com os detritos lançados nas suas águas. As estruturas lingüísticas, como todas as demais, defendem-se das intromissões de terminologia estranha. O caso da palavra *karma* é um dos poucos que foram pacificamente aceitos em todo o mundo, e essa aceitação universal é a única forma de legitimação do novo termo na antiga terminologia. Isso ocorre quando as leis de euforia e de afinidade conceptual não repudiam o termo e não é uma pessoa, nem um grupo de novidadeiros ou uma instituição doutrinária que decide sobre a aceitação.

Por influência do antropomorfismo desenvolveu-se no meio doutrinário espírita a idéia restritiva de que todo aleijão ou situação anômala é de natureza cármica. Não obstante, o próprio Kardec adverte que muitos desses transtornos ocorrem por causa das imperfeições da matéria densa, de que se constitui o nosso mundo. Foi o que Hegel postulou em sua teoria da evolução estética e Bergson reconheceu na sua teoria do élan vital. A restrição antropomórfica do *karma* desfigurou a aplicação indiscriminadamente aos casos de acidentes reencarnatórios. Uma criança nasce com deficiência numa perna ou num braço e logo um sabereta espírita promove a suposta devassa do seu passado, acusando-a de crimes inverificáveis. Precisamos compreender que o espírito reencarnante tem o seu passado e trás o seu *karma*, mas também enfrenta uma nova experiência em que está sujeito a acidentes vários na fecundação e na gestação, no parto, nos problemas da hereditariedade biológica e assim por diante. Assim como temos em nosso destino a programação e o livre-arbítrio, temos também na experiência da reencarnação o *karma* e a margem naturalmente livre da

nova experiência natalina. É verdade que a programação cármica leva em conta os acidentes prováveis, mas a margem de liberdade é indispensável na experiência reencarnatória, e que acima dos objetivos de resgate existe o interesse básico de aprendizado e desenvolvimento das potencialidades. A teoria fatalista de Espinosa, em sua formulação matemática irreduzível, não corresponde à Doutrina Espírita de causa-efeito, precisamente por nos mostrar o mundo asfíxiado numa estrutura sem liberdade e, portanto, sem opções, sem margem para a experiência do espírito. Todas as possibilidades experienciais do homem estariam sumariamente excluídas do processo da vida, ante esse despotismo divino, que na verdade não seria divino, mas satânico. Por outro lado, as funções essenciais do *inteligível* estariam obstruídas, condenando-se o espírito a uma vida terrena de trabalhos forçados, sem a mínima possibilidade de opção. A própria intervenção de Deus e a atividade dos espíritos protetores estariam fatalmente barradas diante dessa programação de computador eletrônico.

É forçoso considerar-se também a impiedade e até mesmo a imoralidade da permanente exibição dos crimes do passado nos aleijões da atual existência.

Entre os gregos houve correntes filosóficas que anteciparam o fatalismo espinosiano de maneira ridícula, admitindo-se, na teoria do *eterno retorno*, que na reencarnação os homens voltavam às aldeias e casas estritamente semelhantes às do passado, com todas as suas delícias. Ao invés do progresso, da evolução das coisas e dos seres, teríamos apenas a repetição inútil e permanente das situações e condições anteriores. Sócrates mostrou a insanidade dessas teorias de raízes mitológicas e antecipou a teoria livre da reencarnação espírita. Existem, naturalmente, os círculos viciosos das reencarnações repetitivas, a que se apegam espíritos irresponsáveis e indolentes, mas é a esses que Lázaro se refere, numa de suas mensagens incluídas em *O Evangelho Segundo o Espiritis-*

mo, advertindo que os guias da humanidade em marcha farão esses indolentes avançar, com a dupla ação do freio e da espora, que corresponde à ação da consciência e da dor sobre esses retardatários.

De que serviriam os protetores e a ação benéfica das provações dolorosas, se a programação dos destinos fosse absoluta e, portanto, esmagadora? Kardec lembra que nenhum espírito se reencarna para repetir o passado criminoso, pois nenhum processo reencarnatório tem por finalidade o mal, mas apenas o bem. Os que fracassam na reencarnação, retornando às práticas anteriores, são naufragos e não predestinados. Cada reencarnação implica uma missão e não existem missões criminosas. É tempo de reexaminarmos essas questões, evitando as perguntas frívolas que muitas vezes se nos deparam no meio espírita, como esta: “Por que sofrem os animais?” Sofrem porque evoluem e porque toda evolução, consciente ou inconsciente, é sempre acompanhada das dores do parto que anunciam as transições evolutivas para planos superiores. Nada se faz sem esforço e, portanto, sem dor. Ninguém supera a gravitação sem esforço e dor. É necessário o explodir dos foguetes espaciais para que o homem sinta a pressão atmosférica e a gravitação terrena para se lançar no espaço sideral.

O homem não é mais do que um dos elementos ativos da natureza, como os vegetais e os animais. Cabe-lhe, em conjugação com os demais elementos, trabalhar a terra, modificá-la, prepará-la para o futuro, sacrificando-se ao lado dos seres massacrados por ele em suas experiências evolutivas. Tendo atingido o desenvolvimento mental necessário para lhe dar supremacia sobre os demais, não se conformou com a sua condição animal e atingiu a duras penas a condição superior do subumano, de que ainda hoje não conseguiu libertar-se. Proclamou-se filho único de Deus, com direitos de herdeiro exclusivo sobre toda a criação, e não se sujei-

tou às exigências da humildade e da simplicidade para prosseguir na escalada, já então de ordem moral e não física. O mito grego de Prometeu, que roubou o fogo do céu, dá-nos a medida do atrevimento humano. A inconformação com a dor e a morte é simbolizada no mito pelo roubo do fogo divino e a condenação de Prometeu, entregue aos abutres do Cáucaso, simboliza a condenação da espécie humana às condições perecíveis das espécies animais. A imolação voluntária do Cristo, para salvar a Humanidade do seu orgulho estúpido e orientá-la nos caminhos mais suaves da humildade e do sacrifício, foi o socorro da Humanidade Crística, dos mundos superiores do Cosmos, tentando despertar o homem terreno para o seu engano desastroso. Se o exemplo do Cristo e os seus ensinamentos tivessem sido aceitos não estaríamos mais num mundo de provas e expiações, mas teríamos o Reino de Deus implantado e florescente na Terra.

No plano moral que o homem atingiu, dotado das luzes da consciência, bastaria a sua aceitação da humildade para que o desenvolvimento de suas potencialidades divinas se acelerasse. Infelizmente, empolgados pelo orgulho e a arrogância, continuamos a considerar-nos como os privilegiados de Deus e nos embriagamos com o vinho dos tonéis inúteis de Sísifo, que rodamos sem cessar até o cume da montanha e o deixamos rodar encosta abaixo sem nenhum proveito. Nosso orgulho não nos permite aceitar a condição humana, que nos sujeita às doenças, à dor e à morte. Caímos na contradição de sonhar com a eternidade da vida carnal, esquecidos de que a carne é um simples agregado atômico sujeito à dissolução temporal. Aniquilamos o próprio planeta em que vivemos e ateamos fogo a nós mesmos, tentando superar a morte com alucinógenos que a abreviam e com o ridículo expediente dos cadáveres congelados. Tamanho foi o nosso orgulho, que acabamos nos frigoríficos como animais de corte.

4. O Mundo sem Dor

Toda a ênfase deste capítulo podia ser representada por uma página em branco. A evolução da dor equivaleria à instalação universal do nada, esse conceito vazio, segundo Kant, esse zero absoluto da anti-realidade, essa negação da negação, em termos dialéticos; seria o princípio de tudo o que não é nem pode ser. Pitágoras, para figurar a solidão de Deus antes da Criação, recorreu à idéia do Uno, o número 1, sem procedência nem consequência, imóvel no Inefável. Sartre, em nosso tempo doloroso, para devolver o homem ao nada de que teria saído, teve de recorrer à contradição de uma fórmula dialética que levaria o pensamento à frustração total de si mesmo. Não há saída para a idéia do nada, senão no solipsismo da volta ao nada, que nada é nem pode ser. A imaginação pitagórica teve pelo menos a coerência de recorrer ao acaso, admitindo um estremeamento do 1 no inefável, que multiplicaria a unidade, desencadeando a Década, o número 10 que deu nascimento ao Todo.

Filósofos e teólogos cristãos vangloriam-se até hoje da originalidade da Bíblia, que fez Deus tirar o mundo do nada, tirar o real do irreal. Mas a Bíblia é um livro judeu e não cristão. Configura-se nessa vanglória a glória vã de um roubo do nada. Na verdade, o nada só pode existir em termos de relatividade, o que, subordinando-o ao todo, anula toda a sua pretensão existencial. Para o nada existir seria necessária a existência dos elementos formais do nada, que não seriam “nada”, mas alguma coisa.

Tudo isso pode parecer uma cogitação vazia, mas não é, pois se processa nos quadros históricos do pensamento antigo e mo-

derno, levando-nos a uma conclusão mentalmente objetiva: o nada é uma impossibilidade do pensamento.

Como a dor é um elemento do *sensível*, chegamos a outra conclusão inevitável: o mundo sem dor é uma abstração gratuita que só existiria no imaginário absoluto e inconseqüente, pois a exclusão da dor implicaria necessariamente a inexistência de qualquer atividade. Seria o mundo da morte absoluta, sem a esperança da ressurreição, que acarretaria a dor absoluta. Nesse solipsismo do absurdo chegamos a outra impossibilidade do pensamento: a da definição absoluta de Deus. Nada mais podemos fazer do que aceitar a sua realidade como ela se apresenta na introjeção imemorial da nossa consciência profunda, em que Descartes a encontrou na sua cogitação assombrosa, ou negá-la, negando ao mesmo tempo toda a realidade. Essa exigência da negação total decorre das condições epistemológicas da nossa cultura, que não permite mais a fragmentação do saber, com as posições ilhadas de campos gnosiológicos ilhados e enfeudados em províncias espúrias do Conhecimento. Hoje o Conhecimento é um só, o maciço do Saber, não admitindo uma Ciência dos *homens mais do que homens* e outra dos *homens simplesmente homens* da divisão estratégica de Descartes. A unificação do Ser produziu, ao mesmo tempo, a fragmentação profissional das especialidades, no plano da prática científica, e massividade da generalização globalizante.

Ou admitimos a existência de Deus como Consciência Cós mica abrangente ou a rejeitamos como impossibilidade lógica (na Lógica Antiga e na Lógica Moderna), de maneira que os capatazes de Deus foram banidos de seus cargos e expulsos do processo cultural. Foi o que Dilthey colocou de maneira precisa em seu ensaio sobre *A Tragédia da Cultura*, em que o aumento de conhecimentos supera a capacidade individual da mente humana. A Filosofia das Ciências abrangeu numa visão gestáltica, globalizante, os setores dispersos da investigação. A crença foi afastada

como posição ingênua do passado e a fé tornou-se conhecimento comprovado. Kardec postulou a prevalência da fé como certeza decorrente da experiência e da prova. Foi ainda mais longe, mostrando que a Revelação, instrumento divino do Saber, é ao mesmo tempo humana e divina, pois os cientistas revelam com mais segurança que os profetas. Denis Bradley, ante as experiências mediúnicas de que participou nos Estados Unidos, proclamou: “Eu não creio, eu sei!” John Laurence, biofísico da NASA, declarou num simpósio em São Paulo: “O núcleo do átomo não tem massa e rege a constelação atômica. Tentamos agora descobrir o núcleo do homem”. Essa visão científica e geral da realidade não permite mais a antinomia crença e saber, que propiciou no passado sombrio o poder eclesiástico sem limites do fanatismo religioso.

Não há mais lugar para fanatismos de qualquer espécie no mundo atual, iluminado pelas esperanças da Era Cósmica. Os fanáticos ideológicos são os últimos abencerrages do nosso século, condenados de maneira inapelável à extinção total. Os espíritas, primeiros chamados para a compreensão da Ciência Integral – e que na sua maioria refugiaram-se num beatismo de sacristia –, estão intimados a alijar dos ombros as cargas do misticismo igrejaireiro para poderem assumir a herança do século. O conhecimento epidérmico da doutrina que herdaram os transformaram em adversários de si mesmos. Só lhes resta um caminho a seguir: o rompimento com os compromissos sectários das religiões formalistas em que foram criados e alimentados, pelo aprofundamento corajoso no estudo dos seus princípios doutrinários. A deformação sistemática do homem, no mundo inteiro, pelos teólogos e clérigos, na exploração do medo à morte, no terror do sagrado e no comércio deslavado da simonia, transformou os homens em criaturas servis, hipócritas e levianas, incapazes de encarar com seriedade e coragem os problemas espirituais. A raça de víboras que o Cristo enfrentou e denunciou em Jerusalém espalhou-se por toda a

Terra, contagiando a Humanidade. O meio espírita não podia escapar a esse contágio. A mais vigorosa e libertária doutrina já surgida no mundo converteu-se, nas mãos de multidões ignorantes e obtusas, em novo muro de lamentações. Os beatos das religiões dogmáticas trocaram de pele mas não perderam suas manhas. Substituíram os ritos católicos pelos passes e preces, a água benta pela água fluídica e os rosários de repetições medrosas pelos colares de contas de Ifá, na magia primitiva das religiões mágicas da selva, negras e indígenas. A marafa ou cachaça de álcool de cana, principalmente na América, substituiu nos batuques da macumba os vinhos sacramentais de uva. No pandemônio das superstições os deuses africanos e americanos demonstraram aos ingênuos que a sabedoria divina não está nos livros, mas na boca dos exus, no batuque dos tambores e nas defumações de charutos e ervas milagrosas. A miscigenação religiosa (na verdade mágica e selvagem) gerou então as religiões mestiças de que tratou Euclides da Cunha, sucedâneos mais fáceis dos complicados sacramentos dos padres paramentados. A linguagem e os ritos da selva substituíram os instrumentos sagrados de ouro e prata e o latim incompreensível. As práticas da Goécia arcaica, ou magia negra, os batismos de sangue animal em cabeças raspadas e humilhadas derrotaram os ritos batismais de água. Era inevitável o abandono do livro, do estudo, da reflexão sobre problemas superiores, nesse meio bastardo em que o analfabetismo e a ignorância eram regra e praxe de virtudes salvadoras.

No meio espírita a infiltração das práticas selvagens, graças ao analfabetismo geral e a repulsa das criaturas simples aos problemas culturais, conseguiu infiltrar-se. A confusão comodista entre simplicidade e estupidez levou muitos espíritas simplórios a deixar a doutrina de lado como inútil invenção de gente letrada e vaidosa. Nos meios culturais o reflexo dessa situação desastrosa levou comodistas altamente considerados a moverem campanhas difamatórias contra a doutrina e seus adeptos, em nome de um

Cristianismo desfigurado e de uma cultura científica mentirosa. A obra de Kardec ficou confinada a poucas pessoas de bom-senso e livres de preconceitos. Era mais uma curiosidade do século XIX do que uma formulação doutrinária superior. Como se isso não bastasse, criaturas de pretensa sapiência, consideradas semi-sábias por seus títulos acadêmicos, num meio em que a cultura era luxo e não dever, aceitaram mistificações ridículas como a de Roustaing como complemento necessário da obra kardeciana, “mais voltada para a Ciência dos homens do que para a Ciência divina”. Como pode manter-se, até hoje, em instituição respeitável por seu passado essa mixórdia indigna?

Toda uma mitologia do absurdo se mistura às realidades claras da doutrina kardeciana, a começar pelo nascimento mitológico de Jesus, gerado numa falsa gravidez de tipo histórico na reformulação dos evangelhos por entidades visivelmente trapaceiras com a finalidade única de ridicularizar a doutrina racional e científica do Espiritismo. Entretanto, na mesma hora que isso acontece, as Ciências confirmam em suas pesquisas, sem o saber e sem o querer, os princípios da doutrina ultrajada e rejeitada.

Não precisaríamos de mais evidente prova da impossibilidade de um mundo sem dor. O ensino e abnegação de Jesus transforma-se historicamente em motivos de lutas sangrentas por dois milênios. A obra modelar de Kardec – modelo de racionalidade, fundada em pesquisas científicas da fenomenologia paranormal, modelo de critério científico, modelo de abertura para novas perspectivas no campo do Conhecimento, modelo de respeito às leis naturais, modelo de correção justa e pacífica dos erros clamorosos do passado, modelo cartesiano da busca da verdade sem precipitação e sem preconceitos, foi simplesmente rejeitada como anticientífica e supersticiosa por abrir às Ciências novos caminhos de busca no *sensível* e no *inteligível*. Não faltava, sequer, ao mestre sacrificado, as credenciais da cultura universitária, como peda-

gogo, continuador da obra de Pestalozzi, médico e professor de Ciências Médicas, diretor de estudos da Universidade de Paris, com suas obras aprovadas e adotadas pela Universidade. O que houve de dor nesse episódio histórico moderno foi suficiente para provar que estamos ainda muito longe de podermos sonhar com um mundo de paz eterna, como queria Kant. Sofreu Kardec, sofreu sua esposa Amélie Boudet, sofreram os companheiros e colaboradores do mestre. Porque toda luta pela evolução, nos mundos inferiores, é sempre marcada pela dor em todos os seus aspectos.

Mas agora, que até mesmo na área materialista ideológica da Terra, a obra de Kardec se impõe por sua inegável legitimidade, é necessário que os espíritas enfrentem a grande tarefa de estudá-la, pesquisá-la e elevá-la ao plano que lhe cabe na atualidade. Estudar Kardec, pondo de lado todas as tentativas de desfiguração da mesma que foram semeadas no meio doutrinário por seus pretensos superadores, já é uma contribuição, por modesta que seja, ao reconhecimento da abnegação do mestre. E mais do que isso, o estudo sério, consciencioso e respeitoso dessa obra monumental é um dever de todos os que a seguem como filosofia de vida, mesmo que tropeçando nas pedras do caminho. Essa obra representa um momento culminante do desenvolvimento cultural da Terra. E a Terra necessita dela, hoje mais do que nunca. Se o movimento espírita não revelar condições para compreender a herança kardeciana, estaremos falidos perante nós mesmos.

5. A Lagosta de Sartre

A morte nos espera na sala de partos, quando não se precipita a ir buscar-nos no ventre. Costuma-se dizer que começamos a morrer ao nascer e essa é uma verdade biológica. Mas, apesar dessa naturalidade milenária da morte, não nos acostumamos com ela, por uma razão muito simples, que é o gosto pela vida. Entretanto, quando a vida se prolonga demais, perde pouco a pouco o seu gosto. O envelhecimento é uma forma de expulsão. A velhice não é uma ceifadora esquelética, mas uma bruxa que nos enxota da vida com sua vassoura voadora. A situação do velho atirado como que num depósito de automóveis gastos e enferrujados é a de um pingüim na Praia Grande: a temperatura o castiga, as juntas lhe dóem, a saudade o oprime, a água do mar parece água choca de lagoa tropical, ele quer arrancar-se dali e gritar que está vivo, mas falecem-lhe as energias e a disposição. Ele se acaba, mas ainda não se acabou e a chamazinha tênue da esperança, a última a apagar-se, bruxoleia irônica em seu coração de casa assombrada. E ainda surgem os poetas gozadores que, como Bilac, dizem coisas assim: “Envelheçamos rindo, como as árvores fortes envelhecem, agasalhando os pássaros nos ramos, dando sombra e consolo aos que padecem”. É demais! Eles não têm mais ramos, nem força, nem capacidade para rir ou sorrir, sua sombra é esquelética e seu consolo mal dá para o consumo próprio. Contam que Victor Hugo envelheceu trotando na sala com os netos nas costas, que o faziam feliz.

Conta Simone de Beauvoir, nas suas memórias da maturidade, que Jean Paul Sartre, ao sentir que envelhecia, preferiu enlouquecer e começou a ser perseguido por enorme lagosta que o

acompanhava por toda parte, amedrontando-o. Ele, que não gostava dos psicanalistas, pois um deles já o havia convencido de que era uma personalidade mutilada, pois não possuía o superego, preferiu assim mesmo um tratamento analítico. Simone arranhou-lhe uma jovem enfermeira e esta se engraçou com o doente e o doente com ela. Isso provava que a velhice não estava tão próxima; restavam forças ao filósofo para conquistas amorosas. Mulher decidida e prática, apesar de filósofa, Simone mandou a enfermeira embora, espantou a lagosta e tomou conta do companheiro antes que fosse tarde. Sartre continuou a envelhecer, gastou suas últimas energias na sua volumosa obra *Crítica da Razão Dialética* e acabou perdendo o seu único olho, pois foi *picego* desde criança e sempre viu o mundo enviesado, com um olho só. A velhice o abateu e ele hoje confessa que não vai bem das pernas, como nunca foi da bola.

Esse novíssimo episódio da História da Filosofia mostra-nos que o gosto pela vida é de uma resistência a toda prova. Mas há outros fatos que provam o contrário. Por exemplo: o filósofo argentino José Ingenieros temia mais a velhice do que a morte e dizia não querer passar dos quarenta anos. Como passou, suicidou-se. Mas é claro que a preferência pela morte foi forçada e não voluntária. O certo, o normal, é o velho apagar-se naturalmente como lâmparina que esgotou o azeite. Os que se preveniram no suicídio ou na loucura ainda conservavam mais mocidade do que podiam supor.

Estas parábolas servem para mostrar que, embora nos acompanhando desde o nascimento, a morte é uma companheira indesejável. Heidegger lembra que até na linguagem comum usamos o reflexivo *se* para afugentar a morte, como na expressão: “Morresse”, onde o *se* transfere a morte para os outros. Morremos, mas sempre a contragosto. Mas quando nos convencemos realmente de que a morte é apenas uma mudança, como dizia Victor Hugo

depois de suas experiências espíritas com Madame de Girardin, recebemos a morte com alegria, pois ela nos tira o fardo das costas e nos leva ao encontro dos amigos e seres queridos que foram antes de nós para o outro mundo. Talvez tenha sido por essa certeza que Hugo se divertia com os netos enquanto a esperava.

Os romanos, particularmente na República, gostavam de exaltar a velhice. A senectude já naquele tempo dava os frutos geralmente balofos ou amargos das subgerações de senadores. Cícero insistia na importância da maturidade que dava repouso à alma, amortecendo as inquietações da carne. Casos como o de Marco Antônio e Cleópatra ilustravam bem o perigo das fases heróicas da juventude. Com essa teoria conseguiram envelhecer Roma, que se afundou na perversão da velhice impotente, mas ainda de fogo aceso, em homenagem aos deuses. Passaram, com o tempo, a confiar mais nos gansos do Capitólio do que em suas legiões aguerridas e acabaram massacrados pelos bárbaros.

Não podemos enfeitar a velhice com sugestões ilusórias. Ela é simplesmente o processo natural de desgaste das coisas materiais no decorrer do tempo. Por isso diz o vagabundo de Knut Amsun: “A velhice não nos dá experiências nem sabedoria, mas cabelos grisalhos e rugas”. E acrescenta, lembrando a empáfia e as tolices dos sábios em todo o mundo: “Deus me livre de ser um sábio”. Sartre não é sábio, mas filósofo, ou seja, amante da Sabedoria. Na posição de amante dessa divindade etérea, sempre se manteve em guarda contra o carrancismo dos homens casados com divindades de carne e osso, geralmente demasiado exigentes. Aceitou que Juliette Grecco se fizesse Musa do Existencialismo no Café de Fiore, onde gostava de escrever. Considerou a seriedade como falsa categoria filosófica e, mesmo agora, depois dos sessenta anos e cego, declara às revistas parisienses que não gosta de conversar com pessoas de mais de 30 anos de idade. Era natural que arranjasse, ao sentir que envelhecia, uma companheira sem compromissos para o acompanhar na velhice. A enorme lagosta

promissos para o acompanhar na velhice. A enorme lagosta que o seguia pelas ruas de Paris era um fantasma desinibido, explorado e devorado impiedosamente pelos franceses, que na loucura por lagostas chegaram quase a provocar uma guerra de lagostas com o Brasil. Isso mostra que Sartre, inimigo de mitos e mitólogos, fugia com sua lagosta das terríveis homenagens que os beócios costumam prestar aos sábios que envelhecem – glorificadores de si mesmos às custas da glória alheia. Nenhum desses aproveitadores se sentiria bem numa solenidade acadêmica em que a enorme lagosta aparecesse nas costas do filósofo, como o bacalhau nas costas do antigo propagandista de Emulsão de Scott. Talvez a única vantagem da velhice seja o aguçamento da crítica e da irreverência nos velhos inteligentes, que afiaram no correr dos anos a sua lâmina de ironia. O sorriso irônico de Voltaire contribuiu mais para a libertação dos homens das garras da moral burguesa do que o sorriso suspeito e enganador da Mona Lisa. Os burgueses não se livraram até hoje da subserviência dos burgos medievais. A ironia brota da inteligência, e quando trás ainda o cheiro da terra não corta ao léu, mas poda. Podar a burguesia da sua ramagem de subserviência é semear no solo as sementes de um novo mundo, livre de milionários e mendigos. Ele viveu com um pé na cova e o outro na plataforma de foguetes do Cabo Canaveral.

Todos envelhecemos, mas Voltaire soube transformar o seu desgaste orgânico em refinamento do espírito afiando-o como lâmina de navalha. Os clérigos o amaldiçoaram por toda parte e o consideraram morto e enterrado, mas Kardec provou a sua sobrevivência em suas pesquisas mediúnicas da Passage Saint'Anne, em Paris.

Só há uma maneira de fugirmos ao envelhecimento, que é preservando a nossa liberdade espiritual, pois o espírito não envelhece. Os que se fazem independentes em meio à servidão geral

podem sorrir como Voltaire da arrogância dos estúpidos, covardes e venais, que esmagam os indefesos com os recursos de suas castas exploradoras, em nome de Deus e das instituições criadas pelos egoístas.

O sorriso de Voltaire salvou o soneto de Bilac, pois se pudermos envelhecer como ele, usando o sorriso irônico ante a farândola dos falsificadores da espécie humana, ajudaremos o mundo a se livrar das aves de rapina. A lagosta de Sartre foi uma encenação inconsciente com esse mesmo sentido. O envelhecimento orgânico está também sujeito à ação do psiquismo. A vontade de cada um pode acelerar ou retardar os processos do desgaste orgânico. Simone mesmo, apesar de sua posição agnóstica, reconhece que não podemos chamar a Humanidade de espécie humana, porque ela supera as condições da animalidade em suas transformações incessantes para um *vir-a-ser* imprevisível.

As reações psicológicas provocadas pelo envelhecimento são as mais variadas. Nas pessoas que temem a morte os sintomas da velhice geralmente provocam pânico e sensação de marginalização. Há os que se revoltam e procuram todos os disfarces possíveis para manterem aparência juvenil. Os que encaram com realismo o problema procuram apenas os recursos da gerontologia, tentando apenas evitar o aceleração do processo. E há os que, à maneira dos antigos romanos, entregam-se ao prazer de uma vida crepuscular, mais contemplativa do que ativa, gozando a perigosa placidez da aposentadoria real ou emocional. O temperamento de Sartre não se adapta a essas formas de acomodação. De certa maneira ele se compensou com a evocação da lagosta gigante, que lhe dava a sensação do perigo, à beira da loucura, que lhe garantia, ao mesmo tempo, a sensação juvenil de pendurar-se na boca de um abismo e a possibilidade de sentir-se galã ao lado da enfermeira. Simone confessa que se ralou de ciúmes, o que deve ter reforçado a permanência psicológica da lagosta.

O caso mais curioso de entrega ativa à velhice ocorreu com o famoso escritor colombiano Vargas Villa, que passou a maior parte de sua vida na Europa, considerando-se intelectualmente francês e emocionalmente italiano. No prefácio de sua novela *Íbis*, sucesso rococó entre os anos 20 e 30 em todo o mundo, encarava a velhice como a fase fantástica da vida, que lhe tirava as possibilidades do real mas o compensava com a possibilidade de evocar suas antigas lutas e paixões num clima de paz e encantamento. Figurava-se dotado de “umas asas tênues e leves” que lhe permitiam *voar ao crepúsculo* sobre os campos de seus antigos combates, cheios dos destroços de suas vitórias passadas.

Nem tudo é dor nas dores do mundo. A imaginação humana é capaz de doirar com reflexos de um sol interior as paisagens cinzentas. Vargas Villa se dizia capaz de evocar suas antigas emoções, fazendo-as ressuscitar do estado cataléptico que haviam caído, com a vantagem de não se apresentarem com as trepidações inquietantes do passado. Muitos jovens sonharam, ao lê-lo, com as delícias do envelhecimento, mas poucos conseguiram passar pelos arcos de triunfo dessa visão legendária.

6. **Os Caminhos Incertos da Experiência**

Os adultos e os velhos se apegam à experiência da vida como seu galardão e prova indiscutível de sabedoria e autoridade. Mas as novas gerações se revoltam, de uma forma ou de outra, contra essa pretensão das gerações envelhecidas. O conflito de gerações não decorre simplesmente das diferenças etárias, dos desníveis da idade. O processo da experiência constitui-se de dois elementos fundamentais: a conquista progressiva do mundo dos adultos pelos jovens, que começam pelo instinto de imitação que caracteriza as fases infantis e molda os jovens pelo comportamento, o vestuário e as regras sociais e morais dos avós e dos pais. Por isso, na educação antiga as crianças e os adolescentes eram considerados como adultos em miniatura. A revolução pedagógica de Rousseau produziu o primeiro impacto nessa sistemática, abrindo as perspectivas da educação moderna, fundada na Psicologia da Infância e da Adolescência e na orientação ética das novas gerações. Os métodos de amoldagem foram pouco a pouco cedendo lugar aos processos de desenvolvimento das potencialidades. Pestalozzi, mais educador do que pedagogo, o que vale dizer mais prático do que teórico, deu aos fins da educação um sentido universalista, segundo o qual o educando não devia amoldar-se ao passado, mas lançar-se ao futuro. Kant reconheceu que a educação tinha por objetivo real, não a acomodação, mas o deslocamento do ser no espaço e no tempo, em busca da perfeição. Voltava ao princípio socrático do desenvolvimento das potencialidades ocultas no educando. Cada ser trazia em si a sua própria sabedoria, cabendo ao educador proceder no educando o parto do espírito, com a revelação das suas potencialidades. A educação se trans-

formava, assim, no processo de desenvolvimento no educando de toda a sua perfectibilidade possível, ou seja, de toda a perfeição que o ser pode atingir. Essa é a educação universal da Humanidade, que não se confunde com a adaptação do ser aos usos e costumes, crenças e vivências de uma determinada sociedade.

Ao examinar essa proposição, descobrimos de imediato as molas secretas da evolução humana, que Kardec, discípulo e continuador da pedagogia pestalozziana, revelou, através de suas pesquisas dos fenômenos paranormais, a natureza do homem, integrando-o na realidade cósmica como uma unidade palingenésica que, como todas as coisas, não se perde nem se destrói com a morte corporal. A Economia Divina não permitia o desperdício sem sentido de sua maior e mais bela conquista, que é a formação do ser humano. Nada se perde, tudo se transforma. A teoria posterior, baseada em Kardec, no dínamo-psiquismo de Gustave Geley, confirmava-se claramente na descoberta desse vetor ou unidade energética do processo evolutivo. “Nascer, viver, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar, essa é a lei”, proclamou Kardec, repetindo o ensino de Jesus a Nicodemos.

Essa descoberta científica do Espiritismo, que as Ciências posteriores foram obrigadas a confirmar, desde Richet até Rhine, marcou o maior avanço do Conhecimento Humano na segunda metade do século XIX, abrindo os caminhos do espantoso progresso científico do nosso século.

Era natural que os povos da Antigüidade, apesar das intuições da sabedoria grega clássica, não tivessem podido entrar no uso e gozo desse conhecimento, por falta dos recursos e do clima libertário que só apareceriam mais tarde. A agressividade dos séculos de arbítrio era endógena, brotava das entranhas do homem como herança das fases primárias em que a razão era esmagada pela brutalidade da força em suas mínimas manifestações. Essa herança ainda pesa sobre nós, mas a abertura do nosso século facilitará

a extinção dos seus últimos resíduos, apesar da resistência dos instintos animalescos que carregamos.

A experiência favorece a adaptação do homem ao mundo, mas a insegurança do homem ante a variedade das situações que enfrenta o leva a criar e manter dispositivos de segurança que são cristalizações da experiência embargando as vias de acesso ao futuro. Podemos ver isso com nitidez nas estruturas sociais de todos os tempos. As forças de defesa da sociedade convertem-se em dispositivos de repressão que as transformam em mecanismos rígidos de asfixia da liberdade. O ensaio de Denis em Rougemont, *A Aventura Ocidental do Homem*, confrontando as condições massivas das tribos e das hordas com as massivas civilizações orientais, tornou transparente essa afinidade histórica dolorosa. Esparta venceu Atenas, engrenando de novo o cidadão ateniense na opressividade das estruturas brutais, agora desenvolvidas ao máximo na racionalidade anti-racional da expansão tecnológica. A civilização cristã negou-se a si mesma por medo de suas próprias criações e apego à sua suposta perfeição. A advertência de Jesus: “quem se apega a sua vida perdê-la-á” foi aplicada às avessas na tradução latina dos romanos. Ao se conluiar com o Império, a Igreja Cristã perdeu o sentido da sua vida espiritual e se profanou na aventura ocidental das conquistas a ferro e fogo. O mesmo aconteceu na rotina da vida familiar, onde a autoridade dos pais, voltada para a segurança dos filhos, despertou-lhes a revolta ante as exigências contrárias ao impulso de renovação das novas gerações.

Ingenieros proclamou em *As Forças Morais* que a juventude toca a rebate em toda renovação. Dewey mostrou que a função das novas gerações não é a de se acomodar às experiências das gerações passadas, mas a de reelaborá-las de acordo com as exigências dos novos tempos. Mas o apego dos homens às estruturas cristalizadas e prescritas e aos formalismos hipócritas negou aos

filhos o direito de cumprir os seus deveres, estabelecendo, assim, conflito de gerações com todos os excessos do desespero e da angústia, a chamada angústia existencial dos nossos dias.

A experiência tem a sua validade limitada pelas condições de cada época. O processo experiencial é regido pelas leis da evolução, na medida dos novos problemas que surgem. A escala de valores de uma época torna-se perempta na época seguinte. Disso decorre a inaplicabilidade das normas do passado ao comportamento humano da época seguinte.

A idéia de que a moral decorre dos usos e costumes já se torna caduca em nossos dias, dado o avanço do conhecimento no campo das Ciências Humanas, particularmente no plano psicológico e no ontológico.

Graças às contribuições de Bergson, René Hubert, Kerschens- teiner e Rhine ficou demonstrado que a moral decorre das leis extrafísicas da consciência, manifestadas através do pensamento. Ao contrário do que se pensava até agora, os usos e costumes não surgem apenas dos meios sociais em organização, mas também e sobretudo das exigências conscienciais do homem. Os costumes (morais) que parecem determinar a moral, na verdade são determinados, orientados e disciplinados pelas exigências conscienciais provenientes das aspirações de ordem, paz e felicidade inscritas na mente e na afetividade humana e projetadas pela vontade no plano das atividades práticas. A experiência concreta no mundo revela ao homem os meios de ação mais compatíveis com aquelas aspirações. Os instintos animais em evolução, nos processos evolutivos para o plano hominal, desenvolvidas as suas potencialidades, convertem-se em imperativos conscienciais que Sócrates e Kant já haviam previsto em suas intuições antecipadoras. Em cada nova geração esses imperativos conscienciais se renovam, modificando o panorama moral do planeta. As fases de aparente retrocesso correspondem aos períodos de conflito em que a cons-

ciência luta contra o apego ao passado. Em nosso tempo é visível essa luta contra preconceitos formais e hipocrisias cristalizadas e já há muito rompida pelas exigências da vida prática.

Toda moral legítima se impõe inevitavelmente pela própria força da sua autenticidade. Na reelaboração da experiência as novas gerações quebram os tabus do passado, destroem os preconceitos e arrancam as máscaras da hipocrisia institucionalizada. Aldous Huxley revela, em *O Gênio e a Deusa*, a condição conflitiva a que chegou a moral vitoriana na Inglaterra atual, no mais elevado plano da intelectualidade. Dos destroços da última conflagração mundial a moral saiu esfarrapada em todo o mundo. Não se trata de uma decadência ou até mesmo, como querem alguns retardatários, da morte da moral, mas de uma renovação profunda que tem de remover pesados escolhos à custa de grandes sacrifícios e duras vergonhas. Passado esse período de transformação, o gênio não se mostrará tão esquizofrênico ao peso da sua inteligência e a deusa não será tão leviana e inconseqüente. Impõe-se a volta à naturalidade nas relações sociais, afastando-se os escolhos dos formalismos mentirosos com sua carga de hipocrisia aviltante, deformadora da criatura humana. O homem decaído terá de reabilitar-se ao peso da sua própria consciência. Suas aspirações de pureza, bondade e justiça provêm da mônada divina – a idéia de Deus no homem –, que nunca foi nem poderá ser afetada pelas crises da instabilidade social. O avanço cultural não se faz ao acaso das circunstâncias. É regido por leis que o conduzem com segurança nas vias precisas.

Sartre pregou e anunciou uma nova moral existencial que não chegou a formular. Sustentando a nadificação do homem na morte, não dispunha de condições para a tarefa que se propunha. Simone tentou socorrê-lo, publicando um ensaio sobre uma possível moral da ambigüidade que, nas suas contradições, não passou de um ovo gorado. Hubert, na sua modéstia e discrição, formulou

o *Esquisse Dune Moralité*, estabelecendo as bases do seu *Traité Générale de Pédagogie*, duas contribuições válidas para as perspectivas do futuro mundial. No *Traité* Hubert se coloca numa posição pedagógica tipicamente espírita, oferecendo uma visão interligada e dinâmica do processo moral e do processo educacional que corresponde às exigências crescentes do nosso tempo. O predomínio de Dewey nas escolas e centros universitários do Brasil barrou a penetração entre nós dessas contribuições de Hubert. Tivemos a oportunidade de introduzir esses trabalhos de Hubert na Cadeira de História e Filosofia da Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, do Governo do Estado de São Paulo, na ocasião destinada a integrar a Universidade Federal desse Estado. Contamos com a colaboração entusiástica do Professor Rivadávia Marques Júnior, nosso assistente, membro do Conselho Estadual de Educação, e que posteriormente, ao deixarmos o cargo, doutorou-se e conquistou a Cadeira por Concurso, com brilhantismo que lhe era característico. Pouco depois o Professor Rivadávia veio a falecer e a nossa tentativa foi frustrada. A contribuição de Hubert voltou ao esquecimento. Fizemos o que podíamos.

7. **As Revoluções Conceptuais**

Os grandes revolucionários não pegam em armas. Sócrates realizou a Revolução Filosófica da Grécia sem disparar uma flecha no mundo do seu tempo e nos mundos do futuro. Buda abandonou o Palácio Imperial e deflagrou sob a árvore da meditação a Revolução Espiritual do Oriente que atingiu e abalou todos os quadrantes da Terra. Jesus de Nazaré, que não era príncipe, mas operário, desencadeou com palavras e exemplos a Revolução Cristã que abateu o Império dos Césares e mudou a órbita do Planeta. Kardec pesquisou os fenômenos paranormais e com um punhado de livros e uma revista em baixo do braço restabeleceu a verdade cristã estrangulada por rabinos e clérigos inquisidores. Todas as demais revoluções, feitas com armas e matanças, encheram o mundo com tropéias de cavalgadas destruidoras e só conseguiram produzir arrepios superficiais e passageiros no mundo dos homens. Porque todas as transformações legítimas, nas coisas e nos seres, procedem sempre de processos endógenos que nascem das entranhas da realidade. Nada se transforma sem que alguém consiga tocar com a ponta dos dedos a mola secreta das estruturas. Quem quiser mudar a face da Terra dos Homens (como Exupéry chamou o nosso mundo) terá primeiro de mudar a mentalidade humana, o conceito que o homem faz de si mesmo e do mundo.

Por isso as revoluções produzidas pelas novas gerações são sempre eficazes. Os jovens não entram no cenário terreno empunhando armas. Chegam fracos e inscientes, desprovidos de experiências, de cabelos negros e doirados, sem a marca branca e impiedosa do tempo. Mas trazem nas suas mochilas secretas, sob a capa de sorrisos ingênuos, o seu arsenal de conceitos, de idéias

vivas e dinâmicas, que vão aos poucos lançando no pano verde dos cassinos da ambição, em lances que vão deslizando como fichas de marfim com efeitos progressivos, gotas detergentes de verdade nas engrenagens da ambição e da mentira. Kardec advertiu: “As crianças nascem vestidas com a roupagem da inocência”. No seu desenvolvimento psicológico elas vão revelar as diretrizes que trazem por baixo das vestes ingênuas as aquisições da experiência palingenésica com que, como queria Arquimedes, removerão a Terra da sua órbita. Humberto Mariotti, filósofo argentino, com alguns de seus livros traduzidos no Brasil, escreveu curioso ensaio sobre a *Teoria Aparencial da Criança*, que foi publicado em tradução na revista *Educação Espírita*, lançada em São Paulo pela Editora Edicel. Estudos dessa natureza, feitos por pessoas categorizadas culturalmente, deviam merecer mais atenção e interesse dos estudiosos da doutrina. Os problemas da educação vocacional dependem, para o seu esclarecimento científico, de estudos e pesquisas nesse sentido, em conjugação com as pesquisas sobre a reencarnação, hoje em pleno desenvolvimento mundial, com trabalhos como os de Ian Stevenson, da Universidade da Califórnia, já publicados entre nós, de Wladimir Raikov, da Universidade de Moscou, de Hamendras Nat Banerjee, da Universidade de Rajastã, na Índia, e assim por diante. Recentemente, numa entrevista concedida à revista italiana *Gente*, Monsenhor Pisoni, *expert* do Vaticano em fenomenologia paranormal, revelou experiências positivas que teve em pesquisas espíritas, acentuando que a Igreja não é contrária a essas pesquisas, discordando apenas de aspectos doutrinários do Espiritismo que conflitam com a dogmática católica. Isso prova que a revolução conceptual do Espiritismo está em franco desenvolvimento no mundo, projetando-se na área pragmática dos Estados Unidos, na área católica e até mesmo na área materialista da URSS. É inacreditável que, no Brasil, pessoas de recursos e instituições científicas oficiais e particulares não se mostrem sensibilizadas com o que se passa

nesse campo. Sem recursos financeiros adequados não se pode instalar e manter um Centro de Pesquisas, devidamente aparelhado, para as investigações que, em nosso país mediúcnico, teriam possibilidades muito maiores. Os que podem contribuir para o avanço da cultura espírita e não o fazem responderão pelo seu comodismo e a sua indiferença, numa fase de condições tão favoráveis como a que estamos atravessando. Os recursos financeiros não podem servir apenas para a suposta compra de um lugar no céu, através de gestos caritativos, esquecendo-se a importância do desenvolvimento cultural.

As revoluções conceptuais avançam por si mesmas, mas se não tiverem o apoio necessário dos homens de recursos, poderão sofrer prejuízos graves em seu desenvolvimento. As novas gerações constituem o *novo* que enfrenta o *velho*, segundo a conhecida proposição dialética que os materialistas tiraram do Evangelho. O *novo* cresce como planta frágil e desamparada, enquanto o *velho* se desenvolve com facilidade, amparado por estruturas suficientemente desenvolvidas e lucrativas. Os lucros do *novo* não são materiais, mas espirituais. Só os espíritos abnegados, desapegados de interesses lucrativos materiais, são capazes de compreender que o *novo* representa o futuro da Humanidade e pode abrir novas perspectivas espirituais no panorama conflitivo e atordoante do mundo, em fase de transição como o nosso está enfrentando.

A revolução conceptual espírita eclode com maior rigor e encontra mais possibilidades em nosso país. Mas são precisamente os homens dotados de poder financeiro os que são chamados para sustentar as batalhas em curso. Ai dos que se omitirem nesta hora decisiva, pois serão responsáveis por atrasarem o avanço da nova concepção da realidade. Como Jesus advertiu: se eles se calarem, até as pedras clamarão.

A palavra, o gesto, a mímica, o rito e o sinal exprimem pensamentos. Sócrates, que não se empavonava no saber, mas no

ninho dos sofistas, essas galinhas poedeiras de absurdos e trapanças, descobriu o conceito. Era um ovo legítimo escondido nas palhas, do qual devia sair a verdade das coisas. Tratou do caso com afinco e descobriu que no fundo do poço do palavrório sofisticado a verdade permanecia intocável na forma de um ovo: nua e pura, branca e silenciosa. Muito mais importante que o ovo de Colombo, o ovo de Sócrates era o único alimento possível da verdade, que os sofistas matavam à míngua. Desligou-se do bando tagarela, procurou a mãe, que era parteira, aprendeu com ela a arte do parto e aplicou-se aos espíritos grávidos que não sabiam o que fazer da sua gravidez. Começou a perguntar aos que o procuravam, a cada palavra que eles diziam: *To ti?* ou: O que é isso? De palavra em palavra, de pergunta em pergunta, obrigava-os a botar pela boca o ovo da verdade. A revolução anticonceptual dos sofistas, feita por galinholas implumes que não sabiam distinguir os ovos nas palhas do ninho, foi logo desbaratada. Sócrates, apesar de feio e desajeitado, sem a elegância pedante dos sofistas, tornou-se o maior sábio da Grécia. Quando o Deus Apolo, no seu Oráculo de Delfus, revelou isso a um parente do filósofo, Sócrates achou que a honraria era demasiada para ele. Mas como já tivera provas de que Apolo não mentia, resolveu ciscar as palhas da sabedoria ateniense, que estavam cheias de ovos gorados. Então reconheceu a razão de Apolo e disse ao parente: “Apolo tem razão, sou o maior dos sábios gregos porque sou o único entre eles que sabe que nada sabe”.

A sabedoria é humilde, branca e ingênua, um ovo de galinha que pode sustentar o mundo. Ai dos que engolem ovos de cobra, pois as serpentes nascem e proliferam nas suas entranhas. Hoje, tantos séculos passados, os novos sofistas, amantes do dinheiro, vaidosos e arrogantes como os antigos, descobriram a técnica de envenenar os ovos através das rações com que alimentam as galinhas. Precisamos policiar as granjas para evitar que a Verdade

seja de novo atirada no fundo dos poços artesianos, que são mais fundos e mais frios que os do tempo de Sócrates.

O conceito é a idéia clara, definida, precisa, que a nossa mente formula na captação direta das coisas visíveis e invisíveis. Uma revolução conceptual não se faz com palavras, mas com a realidade oval do conceito. Fazer que os homens tenham consciência plena do sentido real de cada palavra que pronunciam é a única maneira de se revolucionar beneficentemente o mundo, onde a maioria das criaturas vivem da mentira. Deus não se ilude, mas deixa que os homens se enrolem nos palavrórios vazios para aprenderem a distinguir os ovos das palhas. Quando alguém pronunciava a palavra justiça, Sócrates perguntava: *To ti?* E como a resposta era sempre comprida e confusa, ele aplicava o método da mãe parteira, pois aquele rumorejar sem sentido mostrava que o interlocutor estava na hora do parto. Obrigava-o, então, a separar os ovos e dar à luz os pintainhos da verdade.

As revoluções conceptuais não surgem por acaso, não são promovidas por nenhum ideólogo, nem conduzidas por militares. São processos genésicos, nascem das entranhas da realidade, nas fases de maturação do mundo e se desenvolvem impulsionadas por fatores históricos. O Espiritismo não é uma teoria do Mundo ou da História, nem uma revelação profética. Como acentuou Léon Denis, ele representa uma síntese natural e espontânea da realidade, que se impôs à consciência humana através de fatos, de experiências concretas, destruindo as falsas teorias de místicos e sábios e confirmando as hipóteses e teorias legítimas. Kardec não forjou a Doutrina Espírita, limitou-se a observar os fatos, pesquisar os fenômenos, submetê-los a incessantes e repetidas pesquisas, para depois coordenar os resultados e formulando, por fim, a Codificação, esse monumento de lógica indestrutível que os cientistas de hoje se vêem obrigados a comprovar ante as novas descobertas das Ciências. O Cristo despe a sua túnica de estamemha e

as sandálias de couro para revelar-se numa ressurreição conceptual nas páginas de Kardec. A ressurreição na carne se confirma como reencarnação e a ressurreição espiritual é confirmada pelos cientistas soviéticos, materialistas, nas investigações da Universidade de Kirov. O destino transcendente do homem se impôs à Filosofia Existencial da atualidade, confundindo o pensamento de Sartre, para quem a morte é a frustração do ser e alentando o pensamento de Heidegger, para quem a morte é o momento em que o homem se completa ao invés de acabar-se. Os conceitos espíritas correspondem às exigências psicológicas, e as falsidades, calúnias opostas à Doutrina Espírita ruíram por si mesmas, minadas pela sua própria insuficiência. A revolução conceptual espírita prossegue, nesta fase de violenta evolução científica acelerada, com todos os seus princípios fundamentais confirmados. Quando e onde se verificou na Terra um caso cultural semelhante? O Espiritismo não aceita nem repele desafios; limita-se a mostrar aos desafiantes a comprovação dos seus princípios pelas provas fornecidas pelas pesquisas de seus adversários. Isso aumenta enormemente a responsabilidade dos espíritas nesta fase decisiva da evolução da Terra. Os conceitos espíritas correspondem à exigência psicológica da verdade: a relação direta e real da percepção com o objeto.

8. Os Caminhos Escusos da Moral

O desenvolvimento científico, exigindo peso e medida como critério sensorial de toda a realidade sensível, negou às Ciências a possibilidade de operar no plano do espírito. Kant chegou ao extremo de usar o processo dialético como divisor entre o cognoscível e o incognoscível. O mundo se dividiu em dois planos, o da jurisdição do sensório e o da jurisdição do extra-sensorial. Com isso, a inteligência, a mente e a consciência foram derrubadas de seus pedestais e tiveram de naturalizar-se no plano físico para se colocarem ao alcance dialético das ciências. Deu-se então a inversão de valores que submeteu o espírito à matéria. As Ciências aceitaram essa divisão como critério metodológico de segurança para as suas pesquisas e relegaram as questões metafísicas ao arbítrio da suposição e da fé dogmática. Até hoje, não obstante o avanço do conhecimento extra-sensorial, no plano científico este é encarado como espúrio e suspeito pelos guardiães mais fiéis do acervo científico. A moral teve de mesclar-se a *mores*, aos costumes, para submeter-se aos critérios de validade das Ciências.

Fora do plano dialético das contradições o homem tornou-se uma ave sem asas. É claro que muita incompreensão varreu e varre até o momento a interpretação do pensamento kantiano, mas o decreto filosófico do grande pensador passou a vigorar arbitrariamente, imantando a mentalidade científica às exigências do sensório. Quando Rhine proclamou, na Universidade de Duke (EUA) a natureza extrafísica da mente e do pensamento, mais de oitenta por cento dos psicólogos americanos puseram em dúvida as pesquisas parapsicológicas, embora confessassem jamais haver tomado ciência das pesquisas do bruxo atrevido.

Temos com isso uma prova assustadora do poder do normativo nas atividades teóricas e práticas do conhecimento. Se os romanos antigos podiam tomar a nuvem por Júpiter, os cientistas atuais não estão livres de fazer o contrário, tomando Juno pela nuvem. É o que ainda agora acontece no episódio da descoberta do corpo-bioplásmico do homem. As ditaduras são tão nefastas no plano político como no plano científico. Bergson assinalou dois tipos de moral como fundamentais em nosso mundo: a *moral aberta*, que corresponde ao plano social e está ligada às religiões estáticas ou dogmáticas, e a *moral fechada*, dos sábios, heróis e mártires, que corresponde às religiões dinâmicas e individuais. O primeiro tipo se abre no plano social, abrangendo as religiões tradicionais e dogmáticas, cuja inércia só agora está sendo rompida pelas exigências da evolução. Parece contraditória a classificação de Bergson, mas não é. A sociedade é um fenômeno social abrangente, enquanto o indivíduo é uma unidade fechada, pela qual a moral escapa novamente para o seu pedestal metafísico, rebelde ao formalismo e à dogmática da realidade sensorial. O próprio Kant reconheceu isso ao afirmar que quem possui a arte ou a sabedoria não necessita de religião, que socorre os que não atingiram as espirais superiores da evolução espiritual. Mas muito antes de Bergson, já Pestalozzi, mestre de Kardec, assinalara a existência das religiões animais, provenientes das eras primitivas e carregadas de superstições selvagens, apegadas à carne e ao sangue. A essas religiões da selva corresponde a moral tribal ou de tipo tribal remanescentes no campo da moral aberta. É nelas que trilhamos os caminhos escusos da moral e é delas que nascem as incongruências, as leis criminosas e sacrificiais da chamada moral comum das comunidades retardatárias.

A contradição mais chocante desses tipos de moral aberta e moral fechada corresponde às normas que conflitam com as exigências vitais do homem e os preceitos religiosos às ordenações divinas que exigem a multiplicação da espécie humana para maior

glória de Deus. A moral das ordens religiosas celibatárias condena o sexo e a sexualidade como pecado, e como essa condenação se estende ao meio social e religioso, a ordenação divina do *multiplícai-vos* transforma-se numa contradição violenta, que nenhum sofisma teológico pode atenuar à luz dos textos e da razão. Deus manda e desmanda, abençoa e amaldiçoa ao mesmo tempo e no mesmo sentido, segundo o princípio lógico de contradição. A moral da ambigüidade, de Simone de Beauvoir, não pode ser condenada pelos clérigos, pois é apenas uma racionalização cultural da moral cristã dominante nos meios religiosos. O sacramento do matrimônio, que para as igrejas é ato divino irrevogável, é contraditório em si mesmo, pois consagra o pecado carnal das relações sexuais. Ao mesmo tempo, esse pecado mortal se transforma em virtude, pois é dele que depende o povoamento da Terra ordenado por Deus. A vida é sagrada, mas o ato que permite às criaturas humanas a realização do processo evolutivo das almas e o desenvolvimento pleno do amor é pecaminoso. Essas contradições se refletem na moral comum dos povos, produzindo a mais degradante criminalidade, a dos assassinatos por amor.

É natural que a mente humana tenha se conturbado ante o desenvolvimento dos conceitos superiores no alvorecer das civilizações, mas não é aceitável que essa conturbação tenha atravessado os séculos e os milênios, como se o cultivo da razão não pudesse influir com suas leis no reajustamento das criaturas à realidade. Kardec mostrou que esse reajustamento se efetua na sucessão das gerações, mas a teimosia dos religiosos sistemáticos negou essa possibilidade ao negar a realidade flagrante da reencarnação. Sem esta chave do mistério humano os povos aturdidos preferiram atirar-se ao gozo natural da vida a se entregarem às infundáveis querelas da metafísica do absurdo que caracterizou o milênio medieval. A prova disso está na rejeição feroz das igrejas de tipo rabínico à idéia palingenésica, hoje reconhecida cientificamente como um processo universal dos ritmos telúricos, confirmado na

observação geral dos reinos naturais, desde o mineral até o hominial. O orgulho humano – que nasceu com o despertar da inteligência em grau ativo apenas em nossa espécie – recusa-se a aceitar a inclusão do homem nesse ritmo grandioso da evolução planetária. Como sempre, o orgulho é cego e não permite ao homem ver que a sua exclusão absurda da lei geral o rebaixa ao invés de engrandecê-lo. O homem que renega a sua ascendência animal na Terra não percebe que, com essa atitude anti-racional animaliza-se a si mesmo, rejeitando e negando o poder do seu entendimento e refuta o Evangelho nas suas bases lógicas. Mais curiosa e até mesmo risível é a sua pretensão desvairada de atribuir a si mesmo um privilégio que Jesus rejeitou ao se proclamar filho do homem.

A natureza metafísica da moral implica a sua missão disciplinadora no plano humano. O espírito é o elemento estruturador de toda a realidade física. Por isso, a moral, teoria do comportamento espiritual, passa ao plano da prática em função normativa, imolando-se no plano físico das relações humanas, em plena imolação crística. Os homens a entregarão a Pilatos e Caifás e ela seguirá os caminhos escusos da mentira e da hipocrisia, tentando salvá-los. Pestalozzi viu claramente esse drama da moral e reconheceu nela a face do Messias. Por isso fundou a Pedagogia Filantrópica, tornando-se um ladrão de crianças, que arrancava das estradas viciosas do mundo para levá-las às suas escolas deficitárias. Nesse esforço de abnegação total ele procurava, como Sócrates, arrancar a verdade das profundezas da alma infantil e oferecê-la aos adultos que, como Rousseau descobrira, haviam sofrido a queda na sociedade. Conhecendo e temendo o abismo de ambições e acomodações impuras em que a sociedade mergulhara, Pestalozzi tentou salvá-la através das crianças abandonadas. As religiões abastardadas pelas superstições e pelos interesses materiais não tinham condições para socorrer os homens, perdiam-se com eles nos vales de impureza da antiga Israel, de que fugiam os sacerdotes temerosos de contágio. Daí a conclusão a que chegou Pesta-

lozzi: sobre os tipos deturpados das religiões do homem concupiscente, preso às ambições humanas, pela matéria, como passarinhos no visco, pairava a religião superior e pura que ele chamaria de Moralidade. Foi isso que levou Kardec a colocar o problema religioso, no Espiritismo, como simples conseqüência moral da revelação espiritual do Cristo - o adversário do Templo, de suas leis hipócritas de pureza formal, de suas trapaças indignas e sua exploração sistemática das populações famintas e sofredoras. Somente no seu último discurso, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas – que ele classificava como instituição científica e não religiosa –, poucos meses antes de morrer, Kardec explicou as razões morais porque nunca chamara o Espiritismo de religião. Queria evitar que ele fosse confundido pelos homens com as religiões abastardadas da simonia e da mentira em nome de Deus.

O *psico-dinamismo-inconsciente* de Gustave Geley, que o fisiologista Poper agora restabelece no plano científico, na teoria dos seus *Três Mundos do Homem*, a partir do fenômeno da consciência, sem tratar das anterioridades difíceis, recoloca-se na pauta das exigências da pesquisa científica atual e comprova o acerto e a validade das pesquisas de Kardec. Na mesma linha de pensamento, respaldando a Ciência Espírita e suas bases filosóficas, temos agora o desenvolvimento da Parapsicologia de Rhine e McDougal, as pesquisas soviéticas da Universidade de Kirov sobre o corpo-bioplásmico dos seres vivos e a obra monumental mais esquecida e de flagrante atualidade de Frederick Myers, em colaboração com Henry Sidgwich e Edmund Gurney, *A Personalidade Humana e Sua Sobrevivência*. A esse panorama temos ainda de acrescentar as pesquisas de Constantin Raudive, na Alemanha, sobre a gravação de vozes espirituais inaudíveis, as pesquisas da Psicologia da Morte nos Estados Unidos, pela Doutora Ross, e as pesquisas sobre a reencarnação. De todo esse conjunto resulta o fenômeno atual do *Psych Boom*, a explosão psíquica mundial a que a Enciclopédia Britânica, em seus volu-

mes de Ciência, registrou com ilustrações fotográficas significativas em suas edições recentes.

Não é fácil ao encruado materialismo científico dos marxistas e correntes paralelas descartar-se da realidade nova que se firma nas ciências atuais, não através de simples hipóteses e teorias, mas de pesquisas de fenômenos materiais. A Metafísica alemã renasce das cinzas, não como a Fênix lendária, mas como a evidência palpável das *aparições tangíveis* de Kardec, confirmadas por Crookes, Richet, Schrenk-Notzing, Friedrich Zöllner e, recentemente, nas pesquisas dos fenômenos *teta* pelo Professor Pratt na Parapsicologia.

Restabelece-se assim o prestígio da moral como fenômeno metafísico verificável em suas manifestações físicas. A moral religiosa, mercenária e criminosa, hipócrita e destruidora das energias vitais, segundo a tese de Marcuse, rompe a sua intransigência milenar, esmagadora dos surtos renovadores da vida em ascensão. Os homens voltam a perceber o sopro do espírito na carne e no sangue dos novos tempos.

9. O Controle Ético da Moral

A moral flui da consciência. Toda a experiência vital e espiritual do homem, no decorrer dos processos evolutivos, concentrou-se no princípio inteligente, após o desenvolvimento possível de suas potencialidades, estruturando o intelecto, que é a própria inteligência humana. O centro aglutinador forma o epicentro monádico que estrutura a consciência. Esta reflete em si mesma os anseios naturais de transcendência da alma, que é o espírito individualizado, essência específica do homem. A lei que rege essa essência é a ética, que nas línguas latinas sobrepõe-se tradicionalmente à moral e a controla. Toda a normativa prática da moral é regida pelos princípios teóricos da ética. O conjunto sincrônico ético-moral constitui a consciência. A maioria dos homens, pertencente à categoria do *homo faber* ou homem prático, subordina-se à moral. A minoria intelectual, que forma a categoria do *homo sapiens* ou dos homens do saber, forma a elite consciente da sociedade, contrabalançada na estrutura social pela sub-elite prática, ligada ao plano das atividades práticas ou profissionais. Esse é o plano do senso comum ou bom-senso, servido pela mente, que é a captadora e disciplinadora de toda a realidade material. A razão é a função organizadora e disciplinadora da experiência nas relações do homem com o mundo, as coisas e os seres. Os impulsos instintivos, a afetividade e a vontade estão subordinados à orientação do senso prático e sofrem perturbações com as possíveis interferências das instâncias superiores, não obstante necessárias ao desenvolvimento total, mas progressivo da evolução humana.

Kardec tomou como medida das situações do espírito o seu maior ou menor grau de apego ao mundo material, como se pode ver na Escala Espírita.

Todo esse esquema é apenas uma tentativa de disciplinar a nossa compreensão do sistema intelecto-moral da condição humana na terra. Não devemos torná-lo como esquema fixo, mas como esquematização de estruturas e processos dinâmicos do espírito, principalmente para bem entendermos a significação e a função de todo o ser no processo da vida e particularmente no processo existencial da evolução humana.

O esquema psicanalítico, basicamente formado pelas instâncias do *Id*, do *Ego* e do *Superego*, com seus fenômenos de introjeção e seus complexos, não abrange toda a dinâmica da personalidade. Freud era um desbravador, como Kardec, mas desprovido dos recursos de sondagem paranormal do mestre espírita. Jung, que era médium, teve de romper com ele ante a sua aversão científica aos problemas espirituais. A rejeição violenta e sincrônica da Ciência, da Religião e da Filosofia dos fins do século passado ao Espiritismo, com a cobertura da imprensa e de todas as instituições culturais da época, negou qualquer atenção ao trabalho de Kardec e reduziu o movimento doutrinário a pequenos e esparsos grupos de investigadores anônimos, desprovidos de condições científicas, salvo alguns nomes que foram impiedosamente anatematizados como traidores da Ciência e estimuladores de superstições populares. Em consequência dessa pressão universal, inteiramente apoiada e estimulada pelos poderes oficiais, a Ciência Espírita, coberta de apodos e calúnias, caiu na posição da pedra rejeitada da parábola. Mas era sobre ela, como hoje se vê, que o Edifício Cultural do futuro devia erguer-se. Hoje, cabe aos espíritas estudiosos, cultural e cientificamente capacitados, aprofundar os veios da mineração kardecista em todo o mundo. Pioneira, inclusive, da investigação e da sustentação da pluralidade dos

mundos habitados, a Ciência Espírita abrange a totalidade dos problemas científicos atuais, muitos deles já comprovados pelas pesquisas de laboratório e pelas tentativas de incursões astronáuticas no Cosmos.

Se o controle ético da moral funcionar como deve, tentando vencer os preconceitos e a ignorância ilustrada que ainda mantém o seu cerco à expansão e desenvolvimento da Ciência Espírita, ela ajudará os céticos, materialistas, empiristas e pragmatistas da atualidade a vencerem a alergia ao futuro de que fala Remy Chauvin, para o conhecimento urgentemente necessário da verdade espírita nestas vésperas da Era Cósmica. Seria muito difícil e demasiado ridículo, para nós, pisarmos no limiar da Nova Era com a esmagadora carga de incompreensões e resíduos selvagens e mitológicos de que não queremos nos desapegar. Felizmente tem sido cada vez mais freqüentes e alentadoras as manifestações favoráveis à cultura espírita em nosso meio cultural, por todo o mundo. Não obstante, torna-se cada vez mais necessária, no meio espírita, a vigilância contra as incursões de criaturas pretensiosas, evidentemente desprovidas do senso de suas próprias medidas, sem aptidões nem conhecimentos suficientes para incursões temerárias no campo científico e cultural em geral em nome do Espiritismo. Essas incursões vaidosas causam mais prejuízos à doutrina e sua pureza do que todas as agressões dos adversários, como dizia Kardec dos adeptos demasiado entusiastas do seu tempo, cujo fanatismo lhe dava muito trabalho.

Falta aos espíritas em geral formação doutrinária. Diante do aceleramento atual da evolução científica, eles se conturbam ou se exaltam. Vendo que as proposições espíritas são aceitas de maneira auspiciosa, acreditam-se dotados de uma sabedoria que os sábios não possuem e julgam-se capazes de escrever e divulgar novidades científica em nome da doutrina. Outros, pelo contrário, se amedrontam com invasões atrevidas, como as da Parapsicolo-

gia, no campo dos princípios espíritas, e passam a repelir as contribuições dos cientistas atuais, com auto-suficiência de megalômanos. Em contraposição, o mesmo acontece nos meios religiosos, onde padres e frades inscientes, viciados num autoritarismo milenar no plano cultural, atrevem-se a explorar as faculdades de médiuns interesseiros e ignorantes, fazendo-se de entendidos num assunto que só conheceram, em toda a sua vida, através das elaborações mentirosas dos meios clericais, destinadas apenas a defender os interesses materiais de suas igrejas. Que os clérigos façam isso, vá lá, pois foram criados, educados e estimulados na idéia de uma falsa autoridade divina, que sempre lhes garantiu a impunidade nas pretensões mais descabidas e a capacidade de ensinar e pregar de cara limpa os maiores absurdos. Mas os espíritas não possuem essa tradição de casta e precisam compreender as suas responsabilidades nesta hora de transição. O espírita que quiser dar um pio nas polêmicas atuais deve primeiro mergulhar no estudo da doutrina em profundidade, mesmo que disponha dos mais importantes títulos universitários ou esteja colocado nas mais altas posições sociais. Os analfabetos ilustres são em regra mais analfabetos que os outros. Precisamos convencer-nos de que, no tocante aos problemas espíritas, estamos todos ainda na escola material. Se formos suficientemente prudentes e despretensiosos para voltarmos a nos alimentar no exuberante seio materno da doutrina, poderemos pelo menos evitar semear joio na seara.

A ética profissional estabelece normas e diretrizes para a moralidade dos consultórios médicos, dos gabinetes dentários, dos hospitais, das bancas de advogados e até mesmo dos confeitadores e dos joalheiros. A primeira dessas normas exige o conhecimento da profissão. Os espíritas precisam tomar consciência da ética doutrinária, se realmente quiserem ajudar a doutrina na sua expansão necessária. As tribunas espíritas não existem para encenações e exibições de oratória de tipo bacharelesco, mas para esclarecimento das multidões que afluem às instituições doutrinárias

em busca de conhecimento e não para se deleitarem com palavrórios retumbantes. A finalidade do Espiritismo é conduzir-nos ao conhecimento da verdade, daquilo que realmente é, e não adormecer-nos com cantigas de ninar nos braços da ilusão. O muito falar pode encher o mundo de palavras, mas se essas palavras não encerrarem conceitos em sua sonoridade, nada mais são do que falatórios de sofistas.

Um pregador espírita novato procurou o velho João Pita, de Matão, para consultá-lo sobre o que devia pregar. Pita rangeu os dentes fortes de português da Madeira, seus olhos brilharam por baixo das pestanas brancas de Papai Noel e ele disse: “Não pregue nem faça discursos. Ensine o que souber, depois de haver lido e estudado Kardec. Fiz milhares de pregações e me arrependo de meus entusiasmos. Na verdade, conversando depois com os ouvintes que me elogiavam, tive a surpresa de verificar que de todos os meus falatórios, só uma pessoa havia aprendido alguma coisa: eu mesmo, que aprendi a conter a língua.” Pita tinha razão. De outra feita um amigo e admirador o encontrou na plataforma de uma estação do interior, aguardando o trem. Abriu os braços e exclamou: “Seu Pita, que felicidade encontrar o senhor aqui, um mestre, um verdadeiro apóstolo!” Pita tirou o corpo do abraço e respondeu: “Estás redondamente enganado, amigo, eu não sou um apóstolo, mas uma pústula.” De outra feita ainda, falando sobre a dignidade humana, no Centro Luz e Verdade de Marília, disse: “O homem ruim é a pior coisa que existe no mundo. É pior que o pior dos animais. Um boi ruim, arrombador de cercas, que vive chifrando os outros bois, o dono o mata e aproveita tudo o que o seu corpo oferece: o couro, a carne, os ossos, os chifres e até mesmo os cascos. Mas de um homem ruim nada se aproveita. Morto, tem de ser enterrado às pressas para não empestar a casa com o seu mau cheiro.”

Nesses apólogos reais transparece o perfil da nova moral que o Espiritismo nos trás. Suas normas rejeitam as complicações e ritos do passado, simplificam os processos da vida, substituem as parolagens pela explicação didática, o formalismo pela naturalidade, os aplausos pelo debate, a hipocrisia dos louvores pela pergunta socrática: “O que é isso?” A moral espírita é objetiva, exige a verdade da prova, põe de molho as revelações fabulosas, não admite a mentira, a hipocrisia, a falsidade nas relações sociais. A verdade é a sua essência, pois é a verdade a moral legítima, que não contradiz a realidade nem transforma o amor em crime e as exigências vitais em vergonha e pecado. Por isso mesmo, o pecado não pertence à sua terminologia. Durante milênios os beatos bateram no peito dizendo: “Nós, pecadores”, e continuaram pecando em todos os sentidos. Agora o pecado acabou, desgastou-se no tempo, deixou de existir. A moral espírita obriga o homem a despir-se de seus modismos e de suas fantasias para encarar a realidade face a face e ver a sua própria face no espelho do seu meio social, que lhe reflete os defeitos e as virtudes, os erros e os acertos nas conseqüências de suas atitudes e do seu comportamento. Ser o que é, não fingir nem tergiversar, essa é a exigência básica da verdadeira moral. Uma assembléia espírita de elogios mútuos e salamaleques não é espírita, será quando muito espiritóide, ou seja, uma falsificação ridícula de reunião espírita. Do contrário, o Espírito da Verdade teria perdido o seu tempo e Kardec a abnegação de toda a sua vida.

10. A Síntese Estética da Consciência

Na corrente neokantiana do Relativismo Crítico, René Hubert estuda o desenvolvimento da consciência como processo dialético da consciência. Poper toma a consciência, nos seus estudos fisiológicos, como o que ocorre na constituição cerebral sem sabermos como. É a partir do seu aparecimento que ela interessa no plano científico. Apesar dessa concessão generosa aos fisiologistas, estes não o pouparam. Entendem que Poper entrou numa fase de decadência pré-senil. Mas Kant, já no século XVIII, havia tratado do assunto ao enfrentar a crítica dos cépticos e dos empiristas. Para Hubert, a consciência aparece como no processo do desenvolvimento fisiológico do ser, quando este se apercebe de que é. Narciso faz a descoberta de si mesmo no espelho do lago. Contempla-se aturdido com a sua própria beleza e desperta para a busca do seu destino. Esse é o momento culminante da síntese ôntica, aquele em que o *onto* grego se define como criatura real, completa, integrada num corpo material em que os poderes da Terra e do Céu se fundem, revelando a íntima relação de carne e espírito na facticidade do ser humano. Essa facticidade, esse fazer de poderes invisíveis e indefiníveis, desprende-se do mistério das coisas e se torna realidade viva e atuante. O ser é então apenas uma criatura biológica, como todas as que o cercam, e atira-se às atividades compulsórias da vida. Narciso é o adolescente, enamorado de si mesmo, mas a compulsão das forças vitais o leva à conquista do mundo. O ser biológico de início impreciso se transforma em ser social que se relaciona com outros seres. Na busca do desenvolvimento ontogênico transpõe as fronteiras da carne na busca das suas origens desconhecidas. Sua consciência indefinida

se define nas atividades práticas da sobrevivência. Mas a lembrança de sua imagem no lago revela-lhe o arquétipo ideal que ele deve atingir, atraído pela visão estranha do belo. Instala-se nele o processo dialético que faz o *lótus*, flor do mistério, romper a superfície líquida do lago e desabrochar na terceira dimensão do ser que é a dimensão estética. Narciso atingiu em si mesmo a síntese total da consciência estética. Venceu as etapas do seu desenvolvimento ontogênico e transformou-se no homem. Não é mais um ser como os outros, é um homem, senhor do mundo e criador de beleza. Desse momento em diante ele não se limita a ser e viver, mas entra na temporalidade criadora da existência. Sabe que existe, que avança no existencial em busca da Eterna Beleza.

Aos pragmatistas e materialistas que se opõem a essa interpretação do mito de Narciso, alegando que os sonhos e os mitos morreram no Olimpo, Ernst Cassirer responde com sua teoria da transcendência horizontal e da transcendência vertical. Mostra que o ser é transcendência na temporalidade, segundo Heidegger, e transcendência vertical na busca incessante de Deus. A transcendência horizontal se processa no plano social, com o rompimento gradual dos limites do lar, da escola, do meio estudantil, para se projetar na queda aparente da vida prática, segundo Rousseau. E ali, na queda pecaminosa e na morte, em que Sartre só viu a frustração, Cassirer vê e assiste a passagem de Narciso para a dimensão da Eterna Beleza, reencontrando a marca do belo na auto-recuperação da sua própria beleza. A consciência estética atualizou a beleza ideal de Narciso, pois o homem, segundo Heidegger, se completa na morte.

A posição desses dois filósofos, tão diferentes e tão confluentes na História e na Filosofia atual, particularmente ante a problemática do ser, da vida, da existência e da morte, é das mais curiosas. Heidegger não se considera existencialista, mas um

filósofo do ser, empenhado na descoberta desse mistério platônico. Investiga a existência porque nela o ser se mostra de maneira mais acessível à abordagem filosófica. Mas a verdade é que todo o movimento existencialista se desenvolve nesse mesmo sentido, o que mostra que o problema do existir engloba inevitavelmente o ser. Sartre chegou a considerar Heidegger como um místico do ser. A posição de Sartre denuncia a sua formação francesa, com indisfarçáveis raízes em Augusto Comte e Voltaire. Detesta e ironiza a tradição mística alemã, não podendo entender senão como queda na fragilidade humana a sua aceitação do transcendente. Quando Sartre propõe evidentes absurdos como estes: “o homem é uma paixão inútil”, “a essência do homem é um suspenso na existência”, “a morte é a nadificação do ser” e assim por diante, as marcas de Comte e Voltaire aparecem, nítidas e indisfarçáveis em seus flancos de potro sem freios. Ele rompe com toda a sistemática do pensamento e toda a tradição metafísica, fazendo tilintar os guizos da ironia volteriana. Se Voltaire tinha um pé na cova, como ele mesmo dizia, Sartre já nasceu na cova e nela pretende dissolver-se e dissolver o homem como chama de fogo-fátuo. De onde tira ele a sua nadificação, num Universo pleno, estruturado em leis, como queria Espinosa, e alérgico ao nada, esse conceito vazio de Kant? As incongruências sartreanas denunciam buracos e abismos de leviandade em seu pensamento. E foi precisamente isso o que fez o seu sucesso, tão contrário à seriedade profunda dos bardos celtas que figuram na sua genealogia gaulesa.

O que é e como podemos entender a essência do homem como um suspenso na existência? Sartre coloca o nascimento do ser nas entranhas da dialética hegeliana. O ser é o *em-si* fechado em si mesmo e que de repente, como a unidade pitagórica, estremece na sua solidão e se projeta na existência como *para-si* em busca de comunicação. Eis o ser na existência, ansiando pela transcendência. Mas esse ser é vazio, desprovido de essência, que vai

elaborar no processo existencial. Sua essência é elaborada na existência e por isso permanece em suspenso até que ele a complete. Feita de suas atividades existenciais, a essência paira sobre o ser no percurso existencial até à morte, que é a frustração do ser. Então, o homem desaparece, mas a sua essência fica na existência como resíduo das suas atividades. Sartre cai em cheio na imortalidade memorial de Comte, essa pífia inscrição de um nome na galeria dos mortos ilustres ou heróicos, cuja ilustração e cujo heroísmo a ferrugem se incumbe de devorar. Todo o élan vital e espiritual do homem nada mais era do que um sonho vão.

Sartre sustenta, na seqüência dos seus disparates filosóficos, que a consciência é vazia, nada tem em si mesma, pois reflete apenas a realidade circundante. As categorias kantianas da razão seriam uma balela. Mas Hubert retoma a tradição kantiana e mostra que as categorias decorrem das experiências da consciência e são as próprias experiências em função dinâmica no plano consciencial. A importância do belo, que em Kant era fundamental, como em Platão, retoma a sua potencialidade na corrente atual e neokantiana do Relativismo Crítico. Para Kardec o belo constituía-se num objetivo superior do processo evolutivo. Sua teoria do Belo inclui o aperfeiçoamento das raças humanas, que se aproximam da beleza suprema na proporção do desenvolvimento de suas potencialidades anímicas. O belo não provém de disposições anatômicas ou de elementos materiais. É um reflexo da alma no corpo. A perfeição anímica determina a beleza de um rosto ou de um corpo. Sendo uma síntese dialética gerada pela tese e a antítese da consciência prática e da consciência teórica, a consciência estética é a realização completa da consciência e nela se conjugam todos os poderes conscienciais da criatura. As funções estéticas da consciência controlam a afetividade humana e estabelecem as ligações simpatéticas no plano social. Mas sua função mais importante é a de propiciar ao ser uma visão superior do mundo, propiciando aos artistas o domínio das formas, o segredo das

cores e dos sons, a harmonia e o equilíbrio das proporções não só no fazer artístico, mas em todas as atividades do homem. Na sua condição de síntese, a consciência estética rege o bom-senso, o gosto, o comportamento social do homem, as suas atitudes e todo o seu fazer em todas as circunstâncias. Nos mundos superiores – disse Mozart numa comunicação mediúnica em Paris – as funções da consciência estética influem decisivamente em todas as atividades criadoras do espírito, refinando a matéria e aprimorando as produções naturais. A influência emotiva do belo eleva as almas e estimula os sentimentos humanos. Todas essas conseqüências seriam impossíveis se não passássemos de criaturas com cabeças de purunga, funcionando como espelhos côncavos deformantes.

Pode-se alegar que as funções extraterrenas da consciência estética não passam de suposições imaginosas. Kardec sustentou sempre a necessidade de pesquisas para a comprovação de certos dados transmitidos por via mediúnica. Ele não aceitou as informações dadas por Mozart e Bernard Pallissy através do médium Camille Flammarion, e nem mesmo considerou verídicos os desenhos famosos de Victorien Sardou sobre a possível vida em Júpiter. Acatou-as como manifestações curiosas da mediunidade e sugestões do que poderia haver em mundos superiores à condição da Terra.

Explicava sempre que a Ciência Espírita tem por objetivo o mundo espiritual que se revela através de fenômenos susceptíveis de controle e das repetições necessárias à verificação da realidade. Mas, como vimos, os problemas da consciência estética são puramente terrenos, adstritos à condição humana. Isso, entretanto, não exclui a possibilidade das deduções possíveis, que constituem uma tendência natural da mente em seus procedimentos racionais. Kardec aceitou como hipótese uma informação mediúnica sobre a Lua e a sua posição na órbita da Terra. Até hoje o acusam de haver aceitado um absurdo. Mas ele e Flammarion explicaram

antecipadamente que aceitavam a informação em termos de teoria, pois até aquele momento não havia nenhuma teoria científica capaz de explicar a posição lunar. Informações de Georges, um espírito curioso, sobre Marte, foram também aceitas liminarmente, sob a expectativa de verificações científicas do futuro. Por sinal que essas informações se ajustam aos principais aspectos de Marte observados atualmente através de sondas espaciais enviadas àquele planeta. Georges dizia que Marte era mundo inferior à Terra, tendo atmosfera diferente da nossa, água e vida rudimentar, inclusive vida humana também rudimentar, mais ou menos semelhante à condição física e vital dos pigmeus africanos. As informações minuciosas sobre a vida em Marte, hoje divulgadas no meio espírita, não passaram pelo critério de Kardec e não seriam aceitas por ele nem mesmo como hipótese. Como acentuou Richet, Kardec nunca se desviou de sua orientação científica nas suas pesquisas espíritas.

Adversários gratuitos da doutrina, que sempre os houve para todas elas, criticaram a linha científica de Kardec, entendendo que ele procurava explorar o prestígio da Ciência na época. Mas a posição metodológica do mestre respondeu a essas tolices e a sua influência sobre os cientistas provou o contrário. A serena firmeza e a coragem moral desse homem acabaram por atrair o interesse dos expoentes da cultura mundial. A casinha humilde da Rua dos Mártires, em Paris, em que ele vivia, era constantemente visitada pelos príncipes, cientistas e artistas de toda a Europa, ansiosos por conhecer de perto as suas atividades na decifração racional e experimental do enigma da Esfinge. Mas a prova maior e esmagadora da sua seriedade foi a sua própria obra, cuja clareza, coerência lógica e comprovação científica da época e posterior continua a influir em nosso século, nesta antevéspera da Era Cósmica. Sua teoria da evolução serviu de amparo a Russel Wallace para corrigir os excessos materialistas de Darwin, e sua teoria da Humanidade Cósmica, que não se limita à Terra mas se expande na plura-

lidade dos mundos habitados, tem hoje a sanção teórica de grandes figuras da Ciência. Sua teoria dos mundos interpenetrados superou em nossos dias às hipóteses sobre os mundos paralelos, surgidas com a descoberta da antimatéria na cosmogonia paracientífica de Teilhard de Chardin. É visível o interesse que Kardec despertou recentemente entre os cientistas soviéticos – provocando uma crise ideológica na URSS –, o que prova a solidez de sua obra. Ele decifrou o mistério da vida e da morte.

No tocante aos métodos de pesquisa, ensino e divulgação da doutrina, é incrível o que ele fez, praticamente sozinho. As Ciências do paranormal, suscitadas por ele em todo o mundo, não conseguiram fugir ao seu esquema metodológico de pesquisas. Criticar a “ingenuidade” de Kardec tornou-se comum entre os sábios da época, mas a maioria dos críticos acabou de braços com ele nos mesmos caminhos da sua *revelação científica*, como ele a chamava. Ele descobriu e provou o que é o homem, como e por que vive na Terra e por que morre, sem jamais se vangloriar dessa façanha e jamais aceitar que o endeusassem. Os que ainda hoje o atacam e o criticam não sabem o que fazem.

11. Os Perigos da Consciência Prática

A evolução da consciência se processa em etapas determinadas pelas necessidades do homem. Este é um fato concreto que revela a impossibilidade de uma interpretação puramente metafísica do fenômeno da consciência. Como vimos no mito de Narciso, os primórdios nebulosos e ao mesmo tempo poéticos da consciência equivalem ao desenvolvimento psicobiológico da infância e da adolescência. Superada essa fase, consciencialmente de duração indeterminada, a tomada de consciência do ser em face da realidade do mundo o impele ao domínio das circunstâncias. Daí por diante não é mais o sonho, as aspirações vagas da alma e as exigências sociais que vão efetuar a integração dos vetores conscienciais no plano do real. Kant torceria o nariz ante essa expressão, pois não acreditava no real mas numa suposição do real produzida pela aparência das coisas. No tempo de Kardec, em meados e fins do século XIX, o problema já mudara de figura e se desembaraçara com o avanço científico do século XVIII, na verdade mais técnico do que científico. Mostrara a possibilidade de uma tecnologia do fazer imediato. O conceito dos manuais, das coisas colocadas ao alcance das mãos, começava a formar-se antes das cogitações de Heidegger. As coisas se mostravam manipuláveis na sua forma aparential, que passava pela realidade intrínseca. As pesquisas de Kardec mostraram que a relação causa-efeito abria caminho mais fácil para a comprovação da natureza real das coisas. A consciência prática arrastava os homens a atrevimentos bem sucedidos. Ela era um fenômeno selvagem que nascera nos primeiros contatos do homem com a natureza. Para se derrubar uma árvore, fazer uma cabana ou escavar num tronco

uma canoa não se precisava saber mais do que manejar instrumentos apropriados. Essa familiaridade com as coisas naturais, de efeitos pouco ou nada estudados em nossa cultura, estabeleceu o elo necessário entre duas épocas, a das civilizações agrárias e a da sofisticação oriental. E foi graças à herança agrária que o Ocidente não se perdeu no sono milenar dos chineses e indianos, sem contar as extensões da Arábia, da Pérsia, do Egito e até mesmo do Império fantástico de Tamerlão, nas quais o espírito humano permaneceu em estado de delírio onírico, fascinado em sua atividade pelas florestas milenares, as montanhas e o mistério das terras sem-fim. Nesse estado sonambúlico as populações cultivaram suas tradições e elaboraram técnicas minuciosas, julgando-se na plena posse da realidade imutável. E quando foram despertando para a transitoriedade daquilo que parecia eterno, fugiram para o esconderijo da interioridade através do artesanato das miniaturas, como se com isso pudessem escapar à grandeza indomável da geologia desmedida. No Ocidente, com suas terras exíguas, mares e rios de fácil acesso e a tradição das guerras de conquista, a situação era inversa e permitiu a aventura ocidental do homem, gerada na inquietude das instabilidades, descer nas populações ilhadas, exigindo a expansão do mundo, demasiado pequeno para as ambições de conquistas. O que salvou a América e todo o continente, também milenarmente adormecido entre selvas e amplidões desesperantes, foi a migração dos povos europeus, tangidos por suas lutas religiosas e sectárias. É evidente a influência telúrica e mesológica nas mutações subseqüentes, mas não se pode esquecer o fato básico, dominante, que estava na inquietação humana, no mistério do dínamo-psiquismo de Geley com suas exigências de transcendência, que hoje dominam o nosso tempo nas tentativas da pesquisa cósmica, nos ensaios da astronáutica e no *Psychic Boom* ou explosão psíquica que abala toda a estrutura da supostamente sólida cultura materialista, até mesmo nas áreas mais infensas à metafísica, como a da URSS e sua órbita de influ-

ência. Camões, ante a fúria do mar que engolia embarcações e homens na costa africana, exclamou desolado: “O homem, esse bicho da Terra tão pequeno”. Mas nesse bicho das infiltrações secretas da esquistossomose, no Egito dos grandes templos de pedras milenares, havia o poder oculto que tanto pode construir como destruir. No mistério invisível da mônada leibnitziana, essa herança platônica, o impulso de transcendência rompia as estruturas materiais de toda a civilização faraônica. O espírito retomava o controle visível da realidade instável para lançar o homem nas superdimensões do Cosmos.

Plotino, no desenvolvimento do Neoplatonismo, teve a visão plena dos destinos do homem como alma e formulou a sua famosa teoria das *almas viajoras*, que após a morte corporal se libram na direção dos planos superiores, ansiando pela felicidade suprema e eterna. São as almas dos mortos que escaparam da rotina terrena e se lançaram no Infinito. Arrebatadas pelo impulso de transcendência, atingem as regiões da bem-aventurança, mas não conseguem acomodar-se na suposta paz da inércia espiritual. Inquietam-se e começam a sentir de novo a atração dos planos inferiores. Fascinadas pela gravidade da matéria precipitam-se na sua voragem, reencarnando-se para a continuação de suas experiências interrompidas demasiado cedo. O destino borboleteante das almas inquietas as manterá no jogo das ascensões e quedas em que desenvolverão suas potencialidades para um dia se fixarem nos planos felizes. Kardec, nas suas investigações psicológicas e mediúnicas, deu a essas almas o nome de *espíritos errantes*. Jean Waltier, talvez o mais recente crítico de Kardec, ironiza a posição do mestre, chamando-o também de espírito errante. Por sinal que Kardec jamais repudiou esse título comum, pois sempre considerou-se, como todo mundo, sujeito aos condicionamentos das leis naturais, sejam elas materiais ou extrafísicas, segundo as recentes expressões de Rhine. Seria pretensão, de nossa parte, quereremos contradizer Waltier. O espírito errante é o que erra entre o Céu e a

Terra, nas encarnações sucessivas, desenvolvendo suas qualidades divinas. Confirmando a teoria de Plotino, Kardec não adotou a designação de almas viajoras, em virtude de sua definição de alma, que a localiza na Terra como “o espírito que anima um corpo”.

Essas idas e voltas do espírito nas reencarnações sucessivas não representam nenhuma espécie de castigo, mas tão somente o próprio desejo e esforço do espírito para atingir a condição que lhe permita ligar-se em definitivo a planos mais elevados, às hipóstases mais elevadas dos mundos superiores.

Essa visão pragmática dos processos espirituais parece demasiado fria e mecânica para criaturas habituadas, através de milênios, na sucessão das civilizações teocráticas, a encarar a vida terrena como uma condenação de Deus para os espíritos rebeldes (Judaísmo) ou uma concessão de regalias e privilégios (Mitologia), nas quais Deus ou os deuses são paternais e estão sempre atentos quanto aos seus pupilos. Esse antropomorfismo religioso marcou todas as fases da evolução humana, por corresponder a uma necessidade afetiva do homem. Quem se interessar por um aprofundamento maior da posição de Kardec ante esse problema, perceberá as dificuldades que ele encontrou junto aos homens do seu tempo, numa civilização ainda submetida ao clima medieval, para colocar a questão dos castigos e recompensas num esquema racional, livre das influências milenares de um religiosismo antropocêntrico. Kardec teve de contornar dificuldades religiosas, sociais, políticas, científicas e particularmente as da tradição religiosa popular, num mundo que havia sido formado num fideísmo irracional, orgulhoso, voluntarioso e autoritário. Teve suas obras queimadas pelo Bispo de Barcelona em praça pública e só não foi queimado porque se encontrava na França.

André Dumas declarou à sucursal da revista *Manchete*, em Paris, recentemente, que Kardec escreveu *O Evangelho Segundo o*

Espiritismo para atender às pessoas que, aceitando a realidade espírita, desejavam encontrar um meio de conciliação da fé tradicional com o Espiritismo. Não foi essa a razão. Kardec considerou o Espiritismo, desde os primeiros resultados das suas pesquisas, como um renascimento do Cristianismo deformado pela dogmática das igrejas. Ele mesmo conta, em *Obras Póstumas*, nas suas anotações íntimas, que começara a escrever esse livro no desejo de esclarecer questões dos textos sagrados que haviam sido deturpados pela casuística igrejeira. Não disse a ninguém o que estava fazendo, mas os espíritos se manifestaram dando-lhe apoio e ajuda. Ele não pretendia mais do que isso. A fé espírita racional devia substituir a fé dogmática e irracional. Quando publicou o livro recebeu aplausos e apodos, mas não se abalou com nada disso. A tarefa estava cumprida e os espíritas já contavam com uma versão dos Evangelhos em que a fé cristã se apresentava na sua essência real, fundamentada nas pesquisas históricas, no exame livre e racional dos textos antigos e em que as opiniões dos clérigos eram substituídas por explicações mediúnicas dos Espíritos. Esse livro tornou-se uma espécie de guia prático do aspecto religioso do Espiritismo, resistindo impávido a todas as críticas e agressões dos adversários da doutrina e dos próprios espíritas que, levados pelo entusiasmo científico, só queriam ver na doutrina explicações científicas.

O livro de Jean-Baptiste Roustaing, *Os Quatro Evangelhos*, em três grossos volumes no original francês e em quatro na tradução brasileira, decalcado em Kardec, mas carregado do mais pesado e nebuloso misticismo católico-medieval, deturpação evidente e afrontosa da Doutrina Espírita, foi rejeitado por Kardec, que lhe apontou os absurdos, tanto do ponto de vista religioso quanto do científico e do racional. Não é um livro espírita, mas uma deturpação completa da doutrina, cheio de fábulas ridículas e destinado a ridicularizar o Espiritismo. Kardec evitou os debates inúteis a respeito, que só poderiam servir para tumultuar o movi-

mento espírita em desenvolvimento. Sua posição perante essa obra clericalista foi, como sempre, de uma firmeza serena e inabalável. As instituições espíritas que ainda hoje aceitam, reeditam e divulgam essa obra de um primarismo infantil trabalham ingenuamente contra o Espiritismo.

O exame dessas questões nos mostra como funciona a consciência prática quando regida pela síntese da consciência estética (caso de Kardec) e como funciona por si mesma, sem o desenvolvimento consciencial necessário (caso de Roustaing). A posição de Kardec, aceitando o aspecto religioso da doutrina e procurando discipliná-lo na estrutura conceptual da doutrina, revela a lucidez, a coerência e a disciplina interna de uma consciência plenamente realizada, enquanto a de Roustaing evidencia o descontrole de uma consciência ainda apegada a uma visão terrena e temporal da realidade espiritual.

A consciência prática antecipa a consciência teórica, porque o homem começa no fazer. Da sua experiência no fazer, onde se faz a si mesmo e faz o mundo, ambos à sua semelhança, acaba por fazer o próprio Deus à sua imagem e semelhança. Só depois desse fazer instintivo é que ele se apresta para o desenvolvimento das potencialidades da teórica em sua mente. Seu próprio desenvolvimento psicofisiológico está sujeito a esse esquema. Logo que o pensamento entra em ação consciente, desembaraçando-se das gangas do sonho, esse deus noturno da infância e da adolescência submete as funções da teoria às exigências da práxis. A Teoria do Mundo é elaborada pela mente com os elementos empíricos da praticidade. Mas na proporção em que a teórica prova a sua eficácia, o pensamento se liberta da tutela do fazer e assume o controle dos processos mentais. É nesse momento que se instala a dialética da consciência, no esquema hegeliano de tese-antítese-síntese. E, conseqüentemente, a liberdade de pensar e fazer instaura o domínio da razão na jurisdição de si mesma. Daí por diante o

homem é o seu próprio senhor e os abismos do arbítrio e da violência lhe oferecem as múltiplas e infinitas opções do poder. Se então a consciência estética não assumir as suas funções superiores de supercontrole, na forma de síntese consciencial, o processo da consciência falhou e terá de ser revisado e refeito nas sucessivas existências a que o ser se submeterá por vontade própria, ante a pane geral dos seus sistemas de controle e orientação. A alma viajora de plotino reconhece a sua incapacidade para o exercício da liberdade e anseia por voltar às contrições da matéria densa. Deus não impõe nenhum castigo a essa criatura que já sofre em si mesma as conseqüências dos seus descontroles. Por outro lado, o que seguiu o esquema geral e universal da formação do ser específico do homem não receberá nenhum prêmio ou recompensa, senão os decorrentes do desenvolvimento harmonioso do seu esquema ôntico. Jesus de Nazaré não foi o unigênito nem o primogênito de Deus – ambas, classificações absurdas de um antropomorfismo sem sentido. A teoria kardeciana da solidariedade dos mundos e das migrações de populações planetárias, hoje geralmente aceita pelos homens de razão, mostra que os teólogos não obedeceram aos sinais de trânsito da área divina do pensamento.

Não se pode descartar a lei de adoração desse esquema ôntico. Ela se impôs nas pesquisas históricas e antropológicas como uma característica do humano em todos os tempos, em todas as latitudes do planeta e em todas as culturas, desde as mais primitivas às mais avançadas. A idéia de Deus no homem é uma constante universal inegável. Dessa lei resulta o instinto de submissão do homem aos totens e tabus, aos mitos da credence popular e aos das mais refinadas mitologias, como a egípcia, a grega e a romana. A divinização dos caciques nas selvas, dos Reis e Imperadores nas civilizações e o respeito geral pelas figuras endeusadas são conseqüências da ação dessa lei. O arquétipo divino rege a constelação de todos os arquétipos da consciência. O materialismo ideológico da atualidade é simplesmente uma fuga à realidade ontogenética

do homem, que não é metafísica, mas física, biológica e ontopsíquica. À figura antropomórfica do deus bíblico, sanhudo e sanguinário, os materialistas atuais contrapõem uma tela em branco e vazia, representando o nada que simplesmente não existe em parte alguma nem pode existir, segundo as próprias conclusões da Física soviética em suas mais refinadas pesquisas na Terra e no Cosmos. A questão religiosa, colocada assim em termos políticos e configurada em violência estatal contra a consciência livre dos homens, enfraquece as defesas do Estado. Nenhuma pessoa medianamente culta pode hoje querer sustentar, e muito menos impor aos povos, uma suposta certeza do nada que não encontra apoio nas fontes científicas do saber. É tão absurda essa tentativa de imposição do ateísmo às massas populares de uma nação, como a de impor pela força a divindade do Papa e do seu poder celeste, o que se tentou durante o milênio medieval. O pior é que temos, nessa dialética impraticável, a impossibilidade dialética de ambas as partes. A tentativa de se opor ao Criador, em termos de tese e antítese, começa pelo pressuposto incluso da existência de ambos, Criador e criatura. Por outro lado, se negarmos a realidade de um deles, a dialética é impossível, e se negarmos a tese e a antítese cairemos no solipsismo total e sem saída. Não é possível sustentar-se o nada na presença incômoda e universal do Todo. E por essas e outras, desfiguradas na crítica rebarbativa de Sartre, configura-se límpida e pura a concepção espírita, única síntese real da realidade, que se comprova naturalmente na síntese evidente da consciência estética.

A consciência prática está naturalmente ligada aos instintos de conservação e aquisição do homem. Sua função é vital e não propriamente moral. Ela responde pelas variações temporais das normas de moral verificadas pela pesquisa sociológica, que determinou o conceito ambíguo de moral originado dos usos e costumes, com base nas exigências de produção de alimentos e de riquezas das várias regiões e nações. Corresponde, portanto, à

necessidade de normas para a estruturação e manutenção do meio social. A práxis consciencial não pode limitar-se aos objetivos da consciência prática, pois as aspirações da consciência humana pairam mais alto. Notam-se os efeitos dessa subdialética no meio social objetivo, em que os homens que se enriquecem procuram também ajustar-se aos interesses culturais da nova classe social a que se transferem e procuram integrar na mesma os seus familiares. O fenômeno de ambivalência da cultura nos meios sociais, onde os intelectuais são ao mesmo tempo invejados e desprezados (como incapazes de enriquecer), decorre dessa contradição da consciência prática. Desse conflito necessário e intrínseco da consciência prática com a práxis consciencial nasce a consciência teórica, que é a tese do processo evolutivo do homem social, moral e espiritual.

O espírito que atingiu a síntese consciencial da consciência estética é o gênio, o herói, o mártir, se necessário, que sabe dar a cada objetivo da consciência o seu valor exato e está sempre disposto a sacrificar-se pelos objetivos superiores, auxiliando a Humanidade a superar as suas limitações temporais. Frederich Myers considerou a mente supraliminar como adaptada à vida terrena e a mente subliminar como adaptável à vida espiritual de após morte. O ser trás em si mesmo os dispositivos adequados a cada uma das etapas da sua evolução futura. Como todas as almas possuem a mesma natureza fundamental e as mesmas potencialidades, Kardec provou em suas pesquisas – e a Parapsicologia comprovou atualmente – o princípio de igualdade de todos os homens em sua origem, natureza e destinação.

12. O Ser Moral

O problema do ser é fundamental em toda a Filosofia. Mas as definições filosóficas não o definem, antes propõem. Quando dizemos *ser humano* fazemos uma especificação perigosa, pois caímos no perigo de tomar essa expressão como sinônimo da palavra homem. E isso não é correto, pois o homem é mais do que o ser e, ao mesmo tempo, o ser é mais do que o homem. Kardec referiu-se, em *O Livro dos Espíritos*, “ao ser do corpo”. Ser é aquilo que é. Por isso, numa das metáforas da Bíblia, Iavé, o deus dos judeus, que queria passar como o Ser Supremo, disse: “Eu sou Aquele que é”. A pretensão alegrou os filhos de Deus, o povo eleito, mas não passava de uma afirmação ambígua. A palavra *ser* foi arrancada, como a costela de Adão, do verbo ser, mas não deu nenhuma Eva e sim um proteu semelhante ao da palavra alma, que Kardec sentiu-se no dever de definir para evitar confusões. Quando falamos de Deus como Ser, sempre o elevamos à grandeza suprema. Mas quando falamos do homem como ser nos referimos ao que o homem é. Há no homem, portanto, vários elementos conjugados: o corpo, a alma – o corpo espiritual ou perispírito –, as faculdades humanas normais e paranormais e a especificidade do ser humano, que é diferente de todos os demais seres. Existe a pedra e o ser da pedra, o cavalo e o ser do cavalo, a borboleta e o ser da borboleta e assim por diante. O ser é uma entidade metafísica, não visível nem tangível, uma essência e não uma forma.

Ninguém pode matar um ser, mas apenas a sua representação física. A imortalidade do homem não se define como privilégio do homem, mas do ser. Há seres de razão – matemáticos, lógicos e ideológicos – e todos eles se relacionam com o ser humano sem

jamais se confundirem com este. Não é fácil definir o ser, mas não se pode olvidá-lo ou negá-lo. O que é na sua facticidade ôntica, na formação ontogenésica de suas virtualidades específicas, não pode deixar de ser, pois se integra na realidade total como forma essencial e incessantemente autogeradora, porque o ser se define, em última instância, como necessidade teleológica de toda a realidade. Por isso o *ser aqui* existencial de Heidegger que pretende ser concreto, na sua facticidade temporal, completo na sua essência e forma, ambas humanas, não passa de um fantasma (no sentido grego do termo), uma aparição no aqui e no agora, que se esvai na temporalidade, na frustração aparente da morte sartreana, vestindo-se da aparência biológica para continuar a ser na realidade ontológica pura. A morte aparece então como o *não ser*, a negação do ser em que se repete sempre na solidão da inerência física do morrer. O *não* do ser é apenas o reverso do *sim* que o afirmou no plano sensorial, contrapondo-se à sua eterna realidade metafísica. O ser nos dá as costas e desaparece. Não está mais ao nosso alcance. Mas sabemos que, apesar disso, permanece em nós, em nossa memória, em nossa afetividade, em nossa saudade, na historicidade em que nos inserimos juntamente com ele, na sua essência que se derrama em nós e em nosso redor. Verificamos que ele vive apesar da morte e que não podemos descartá-lo de maneira alguma. Chegamos à compreensão de que ele nos deixou, mas ao mesmo tempo ficou.

O que nos apavora na morte não é a morte em si mesma, mas a ausência que se abre em nosso convívio e que é realmente impreenchível. Sabemos, de maneira profunda (em nossa consciência do real) que todos morremos e sabemos também, com a mesma certeza, oriunda de nossas experiências, que o Ser não se acaba, não se extingue, mas precisa ontologicamente de se completar na morte, como Heidegger afirma em contraposição à leviana teoria da frustração sartreana. O que nos faz sofrer não é a morte, mas a nossa recusa à realidade da vida, que leva sempre a

morte atrelada ao seu carro como inevitável corolário das atividades existenciais do homem. Toda a série de experiências que constitui uma existência vai fatalmente desembocar na morte. O ato de morrer é um fechar de portas para o mundo. O Ser se engolfa em si mesmo, desliga os contactos com a realidade sensível e volta à solidão do *em-si* como coisa, isolado em sua auto-inerência. Tudo se consumou na realidade possível. Cabe-lhe então, na sua câmara escura, projetar na tela da memória o seu próprio drama para assisti-lo sozinho e avaliar os seus resultados, as conseqüências para a nova abertura existencial que vai se abrir para ele nas hipóstases de Plotino. Nessa retrospectiva avaliativa o Ser assimila em última instância as suas conquistas existenciais e as consolida em si mesmo. Não será mais, nunca mais, o que era, mas carregará o que era como disposições e elementos destinados à elaboração do que será. O temor e a náusea da morte se converterão em anseio de renovação e esperança, não segundo a tese de Gabriel Marcel, mas segundo a teoria do encontro com o Outro, de Kierkegaard, no único diálogo então possível, pois o Outro é Deus, que o Ser reencontra na transcendência vertical de Karl Jaspers.

Somos obrigados a tratar esse problema da Filosofia Espírita na sua perspectiva própria e na linguagem correspondente, em conotação com as posições filosóficas atuais, porque só assim se pode demonstrar a precisão e a clareza do pensamento espírita, em flagrante contraste com a nebulosidade das teologias fantasmagóricas que as religiões masoquistas nos cevaram por milênios nos horrores da dor e da morte. Hoje essas mesmas religiões tentam romper o ergástulo de suas concepções negativas com apelos à leviandade sensorial das inovações rituais em termos de secularização e mundanismo. Não é possível nenhuma reformulação de sistemas e de princípios sem o aprofundamento filosófico dos problemas fundamentais do homem.

A posição filosófica existencial, como a abordam, do Ser na existência – pois o Ser do homem é o único realmente acessível às nossas investigações –, exclui de imediato as fabulações teológicas oriundas da pretensão da vaidade humana a serviço do obscurantismo. A Moral, na sua mais alta expressão, é questão de equilíbrio e orientação do pensamento com a afetividade. Qualquer desvio nesse sentido, com vistas a interesses secundários, como a ênfase excessiva dada à razão ou a ênfase contrária, dada ao sentimento, negam todos os valores e a própria essência da moralidade. A prova dessa premissa nos é dada pela história, mostrando que a ênfase do sentimento levou o mundo de volta aos tempos de barbárie, com brutalidade elevada ao quadrado da estupidez em nome de Deus e a ênfase da razão levou a cultura mundial ao materialismo supostamente científico, negando o homem e seus direitos, a começar da negação de Deus. De um lado, o domínio interesseiro, medroso e hipócrita dos beatos na salvação própria em detrimento da Humanidade, de outro lado a opressão dos ideólogos insensíveis, metódicos e manhosos, tripudiando em benefício próprio e de suas greis sobre a liberdade humana.

A formação do Ser Moral, como Kardec acentuou, só é possível nas sociedades livres e orientadas pela razão e o sentimento em equilíbrio. Sem o desenvolvimento da afetividade temos apenas a razão fria e esquemática, que é o cadáver da razão.

Sem o desenvolvimento da razão só temos os instintos à solta, na deterioração progressiva do pensamento sem bússola. Toda esquematização desses campos fundamentais das energias humanas leva fatalmente à degeneração do homem, pela asfixia de suas potencialidades divinas. Arrancar o homem da animalidade, o que vale dizer arrancá-lo da brutalidade e da irresponsabilidade, submetendo-o a princípios de ordem moral puramente abstratos, com ameaças e promessas depois da morte, é minar a estrutura de suas experiências objetivas no mundo, perturbando-lhe o desenvolvi-

mento psico-mental com dúvidas e suspeitas que o levam à distorção do pensamento na direção de interesses bastardos e consequentemente à degeneração moral. Não se trata da moral comum ou social, apegada a costumes, preconceitos e superstições, mas da moralidade consciencial em que se funda a conduta dos seres conscientes de suas responsabilidades no mundo dos homens. As condenações morais do meio social são geralmente proferidas por indivíduos e tribunais desprovidos de autoridade moral e até mesmo sem capacidade avaliativa nesse plano. O ser moral não se entrega ao arbítrio da incompetência de julgadores primários. Rebelar-se contra esses julgamentos e mantém a sua conduta com a serenidade e a firmeza dos seus princípios morais inabaláveis. Jesus foi condenado pela moral farisaica. Sócrates pela moral ateniense. Essas condenações só serviram para engrandecer na História e na Espiritualidade os dois condenados. O ser moral é o supremo objetivo da evolução humana na Terra. Ele encarna em nossa pobre Humanidade o arquétipo, ou seja, o modelo da perfeição humana possível em nosso mundo. Um passo além o projeta fora da órbita terrena, no plano da angelitude. Não se iludam, porém, os que acreditam na santificação, na angelização através de métodos de certos mestres de sabedoria infusa. Os próprios anjos não são criação específica e privilegiada, mas o resultado da evolução do homem, e não querem passar por divindades mitológicas. Não se identifica o ser moral pela mansidão da voz, pelos gestos delicados e as atitudes de santidade artificial. A herança divina do homem é natural e se desenvolve nas duras batalhas da carne. As criaturas seráficas sofrem sempre de anemia ou deficiência das faculdades mentais. O ser moral só se distingue dos outros pela retidão de uma conduta escrupulosa e segura, mas não exagerada ou fingida, mas comedida e firme. A sofisticação religiosa veste muita gente com peles de ovelha, muitas vezes adornada com peles de raposa. O ser moral se configura no protótipo natural do homem: franco, leal, firme em suas convicções, avesso

à malícia e ao palavatório vazio, despido do infantilismo da vaidade pessoal, das idéias de grandeza, voltado sempre para os problemas sérios da dignidade humana. Jesus multiplicou os pães para saciar a fome da multidão, mas também multiplicou o bom vinho nas bodas de Caná para estimular a alegria. A alegria espontânea e justa é um dos seus apanágios, ao contrário do que pensam os choramingas e as carpideiras. A alegria é luz que ilumina o coração das criaturas e as profundezas do Infinito. Onde a treva se implanta surge o brilho de uma estrela ou a irradiação de uma constelação. O homem sério e preocupado com a verdade sabe sorrir e provocar a alegria ao seu redor. Os casmurros são criaturas doentes, tímidas, carregadas de recalques e de fobias. Mas os que fingem alegria intencional e nunca se preocupam com nada podem ser debilóides ou espertalhões. A verdadeira virtude nunca está nos extremos, como sustentava Aristóteles, mas no meio. O ser moral se define como tal pelo seu equilíbrio na balança das atitudes, sem se acumpliciar jamais com as trapaças dos extremistas da consciência prática ou da consciência teórica. A consciência estética, na sua condição de síntese total, permite-lhe ver com precisão o momento em que deve entrar na luta dos contrários, evitando abusos e desmandos que podem pôr em perigo a evolução moral e ética do mundo.

O desenvolvimento consciencial implica o aumento constante da responsabilidade. O ser prático ou o ser teórico, apegados aos aspectos normativos da aquisição de experiências e sua assimilação, podem errar com mais liberdade suas diretivas existenciais. Mas o ser moral, que acumulou experiência e saber e aprimorou sua capacidade de intuição, tem o dever de manter-se vigilante, ativo e destemido no plano de ação de sua jurisdição. Todo ser moral converte-se naturalmente num vigilante do processo evolutivo em sua área específica. Essa a razão por que ele se levanta contra os prevaricadores e os trânsfugas, sempre ansiosos por se acomodarem em suas posições, evitando discrepâncias de opini-

ões na estúpida suposição de que a paz do pântano agradaria mais a Deus do que a luta pela defesa da verdade. No episódio evangélico da expulsão dos vendilhões do Templo, Jesus apareceu – e ainda hoje aparece aos olhos dos cordeirinhos mansos, nascidos apenas para balar ao crepúsculo – como envolvido por impulsos contrários ao seu ministério de amor. Mas a verdade é que havia mais amor na face irada do Messias, ante o desrespeito dos homens práticos à elevada função espiritual do Templo, do que nos rabinos ungidos com óleo sagrado, que permitiam a profanação por conveniências venais. Para Jesus, o certo era afugentar os prevaricadores, para que eles não manchassem a sua consciência imatura, servindo ainda de mau exemplo aos que vinham na retaguarda evolutiva. O plano de Deus estava muito acima dos interesses convencionais e políticos do rabinato conciliador e interesseiro. A visão de um ser moral, regido pela consciência estética, não se limitava às conveniências imediatas dos seres práticos ou retóricos, empenhados na continuidade de seus negócios rendosos.

A menção de Sócrates e Jesus, para exemplificar a complexidade da evolução consciencial, não quer dizer que todo ser moral tenha de possuir o mesmo grau consciencial desses arquétipos históricos. Como se vê na Escala Espírita de Kardec, em cada ordem de seres há sempre gradações que escalonam os tipos afins em posições diversas. O que interessa, pois, na luta do homem pelo seu desenvolvimento consciencial, não é a conquista de posições no escalonamento moral, mas a conquista incessante, nas experiências existenciais, de um grau a mais de percepção dos problemas morais.

13.

A Certeza da Vida Após a Morte

Não há nenhuma possibilidade de dúvida sobre a continuação da vida humana após a morte. Tudo quanto sabemos sobre a Natureza, as coisas e os seres mostra-nos que as formas vivas estão sujeitas a morrer, mas não a se extinguirem. A extinção total, absoluta, de qualquer coisa ou ser implica um ilogismo, um contra-senso no campo do conhecimento, uma violação das leis admitidas até hoje em nosso esquema epistemológico. Se, por um lado, nada se acaba nem se perde, tudo se transforma na Natureza, por outro lado, como estabeleceu Kardec com a expressão: “Tudo se encadeia no universo”, a nossa concepção possível da realidade universal é monista, não podendo admitir nada separado ou isolado na estrutura do Universo. Se uma folha de relva se perder em definitivo, com a nadificação total de todos os seus elementos constitutivos, toda a nossa mundividência ruirá, nada mais nos cabendo fazer do que uma revisão total dos nossos conhecimentos. A Física atual tornou ainda mais inviolável essa estrutura monista, com suas descobertas no campo atômico e subatômico.

Não se trata apenas de teorias, de suposições ou intuições, mas do resultado evidente e suficientemente provado e comprovado das pesquisas científicas. Esse monismo, além disso, não é apenas constatado no macrocosmo, mas também nas estruturas microscópicas, pois cada uma delas, por mais isolada ou estranha que se apresente, é sempre um reflexo do monismo cósmico, dividindo-se em unidades interligadas interiormente e ligadas exteriormente a outros campos de forças estruturados segundo esse mesmo princípio.

Dessa maneira a morte, como frustração e nadificação do ser, simplesmente não pode existir. A impossibilidade, nesse caso, não é apenas lógica ou filosófica, mas também genésica, jurídica e metafísica. Os campos de forças no cosmos e os centros padronizadores das estruturas orgânicas, desde o mineral ao hominal, mostram que a realidade é uma rede de causas e efeitos reciprocamente conjugados, com a determinação específica de jurisdições invioláveis, como, por exemplo, a jurisdição de si mesmo conferida ao homem através da consciência. Genesicamente temos a interdependência das coisas, dos seres, dos fatos, das palavras, dos pensamentos, dos sentimentos e assim por diante, de tal maneira que o cair da folha seca de uma árvore, o desabrochar de uma flor, o canto de um pássaro ou o sussurro do vento está na dependência das leis que ordenam e regem a totalidade do real.

Foi por isso que Espinosa deu à sua doutrina panteísta a inflexibilidade de um fatalismo arábico, tipicamente islâmico. Não obstante, o próprio Espinosa admitiu, na teoria da *natura naturans* e *natura naturata* a duplicidade necessária da substância e do modo, em que a jurisdição se infiltra no desenvolvimento livre de suas atividades. Hartmann negaria mais tarde o sentido teleológico da *rés* como finalidade humana, mas não como finalidade intrínseca do Todo. A impassibilidade de Espinosa em face da morte, confiante no seu retorno a Deus, confirma a tese de Heidegger sobre o diálogo entre o Homem e o Outro como única possibilidade de comunicação, ao mesmo tempo em que explica a negação da comunicabilidade humana por ele alegada, pois em última instância só pode comunicar ao Ser Supremo a sua angústia existencial. Essa posição, aparentemente ilógica e contraditada pelo desenvolvimento mundial dos meios de comunicação no plano sensorial, nada significa ante a única forma válida de comunicação profunda e integral da criatura com o Criador. Remanesce no teólogo Kierkegaard a herança da tradição judaica da comunicação vertical, mais tarde adotada e proclamada por Jas-

pers como uma realidade ôntica. A intuição de Espinosa captava, apoiada na herança bíblica, a realidade essencial da imortalidade do ser. Encontramos nesse episódio, talvez, a mais lógica explicação da criação do homem à imagem e semelhança de Deus. Não se trata da semelhança modal, baseada na teoria do modo, como pensaram os teólogos cristãos, mas da semelhança platônica proveniente de Sócrates na teoria do conceito. Isso quer dizer que o conceito de Deus, fragmentando-se no sensível, na projeção da imagem real de Deus nas sombras da caverna, deu ao Cristianismo, que não soube reconhecê-la, a única forma possível de identificação da criatura com o Criador. Nessa identificação temos também a única prova realmente ontológica da imortalidade do homem como ser. O ser do homem se define essencialmente como espírito, sem o qual o corpo material sem vida nem consciência seria um abortivo, segundo a clássica expressão do Apóstolo Paulo. Os que não aceitam essa concepção do homem colocam-no e colocam-se abaixo do nível da animalidade. Desclassificam-se a si mesmos na escala ontológica.

A densidade da matéria em nosso mundo terreno é suficiente para mostrar às criaturas capazes de raciocínio que vivemos numa condição inferior. Friedrich Zöllner, em suas experiências físicas, na Universidade de Leipzig, sobre as dimensões da matéria, obteve resultados positivos e explicou os fenômenos paranormais como produzidos por entidades espirituais da quarta dimensão. Elaborou a teoria dessa nova dimensão da realidade, dando início ao que chamou de Física Transcendental. A possibilidade dessas pesquisas parecia absurda naquele tempo, em meados do século XIX. Zöllner demonstrou que essa possibilidade decorria da estrutura hierárquica do universo em sua totalidade unitária. Como Kardec, provou que a passagem de seres e objetos de uma dimensão para outra dava origem a uma fenomenologia que sempre existira, mas para a qual somente alguns cientistas se interessavam. A Física Transcendental não era uma ciência abstrata, mas

concreta, assentada em bases fenomênicas. Conseguiu mesmo verificar que certos objetos – como nos fenômenos de *apport* (passagem de um objeto material através de paredes e tampas de madeira ou de metal) – produziam calor ao serem transportados de uma dimensão para outra. Mas os seus colegas o consideraram perturbado e não levaram a sério as suas pesquisas. Hoje as pesquisas da Física avançaram além dessa descoberta, provando que Zöllner tinha razão. Mas os preconceitos religiosos, a dogmática asfixiante das igrejas e os próprios preconceitos científicos impediram até hoje que a memória de Zöllner fosse restabelecida em nossa cultura incipiente e medrosa, comodista e interesseira, na sua dignidade de pioneiro. Se os objetos podem passar de uma dimensão da matéria para outra, em que permanecem ocultos ao nosso sensorio, e isso pode ser provado cientificamente de maneira irrefutável, qual a impossibilidade existente para que os seres possam também, e com mais razão, transitar de um plano para outro?

No livro *O Cosmos e seus Sete Estados*, de M. Vasiliev e K. Staniukovich, lançado pela Editorial Paz, de Moscou – baseado em resultados das pesquisas astronômicas –, dizem os autores: “Universo, ilimitado no espaço, sem começo nem fim no tempo, infinitamente diverso, que não se repete no espaço e no tempo, o que sabe o homem atual a teu respeito? Habitando num sistema de astro pouco luminoso, colocado num arrabalde provinciano da Galáxia, longe do luminoso núcleo central da mesma, densamente povoado. Vive sobre um dos planetas mais modestos, que é um grão de areia entre os milhares de milhões que compõem somente a nossa ilha estelar, morando no fundo de uma nuvem pouco transparente de gás que rodeia o planeta. O que pode esse homem saber de ti, Universo, desde este rincão perdido? Não passaram ainda quinhentos anos do momento em que ele descobriu pela primeira vez o teu planeta, viajou ao teu redor e só recentemente ele conheceu, a princípio de modo especulativo, as primeiras leis

que o ligam e abrangem o espaço, a velocidade e o tempo. Faz pouco tempo que ele tocou o segredo da constituição da tua substância.”

Esta confissão dos materialistas soviéticos sobre a nossa condição e posição no Cosmos bastaria para acordar as mentes que se congelaram numa concepção estupidamente dogmática do Universo e do Homem. Vivemos num *planetinho* minúsculo de um sistema solar cosmicamente insignificante e nos atrevemos a dogmatizar, religiosa e cientificamente, sobre questões que desafiam as nossas possibilidades de pesquisas eficazes. Somos praticamente – como dizia o Lobo do Mar de Jack London – minúsculos pedacinhos de fermento que se arrogam o domínio do saber universal. Teólogos modernos chegaram a anunciar a Morte de Deus em nosso tempo, suicidando-se sem o perceber ante a cova que o louco de Nietzsche abriu para enterrar o cadáver divino. Não seria sensato pingarmos umas gotas de humildade na ácida e ridícula pretensão desse fermento?

A rejeição das ciências ao Espiritismo decorre dessa pretensão humana que denuncia o infantilismo da nossa Humanidade, apegada aos tabus e superstições da selva. As pesquisas de Kardec, louvadas e repetidas pelos grandes cientistas da época, que comprovaram o seu acerto, serviram para a avaliação da nossa imaturidade. Kardec mesmo denunciou esse resultado, lamentando que os homens aparentemente mais sérios revelassem uma leviandade assustadora quando se pronunciavam sobre o problema espírita.

As ciências do século passado condenaram uma doutrina eminentemente científica para se defenderem das superstições. Eram ciências medrosas, porque incipientes, que se apegavam às suas descobertas como o avarento ao seu cofre. Tendo lutado contra o dogmatismo e a violência eclesiástica, essas ciências adotaram os mesmos métodos e a mesma posição de seus algozes,

passando a condenar, ridicularizar e caluniar os que avançavam além dela, embora usando todo o rigor científico em suas pesquisas. Ridicularizaram Kardec por se interessar pela dança das mesas, e Kardec perguntou-lhes se isso era mais ridículo do que o interesse de Galvani pela dança das rãs. Quando Flammarion declarou, corajosamente, que a teoria da reencarnação era o corolário necessário da teoria da pluralidade dos mundos habitados, acusaram-no de visionário. Hoje os cientistas mais esclarecidos não recusam a hipótese, que cada vez mais se impõe nos meios científicos, da existência de mundos habitados em todo o Cosmos e a reencarnação deixou de ser uma questão religiosa para se transformar em objeto de graves e insistentes pesquisas científicas.

Com o pouco que avançamos nesse meio século de pesquisas cósmicas, como acentuaram Vasiliev e Staniukovich, já nos vemos lançados na rota de Flammarion. A posição espírita foi mais científica do que a das ciências do século passado, porque inteiramente aberta, antidogmática e confiante no valor da pesquisa. Richet chegou a louvar o espírito científico de Kardec e a reconhecer que Kardec nunca fizera uma só afirmação que não se baseasse em resultados de pesquisas. Os retrógrados quiseram então invalidar as pesquisas de Kardec, ao que o mestre respondeu convidando-os a pesquisar. Não houve jamais uma contraprova científica das pesquisas de Kardec, mas apenas encenações, muitas vezes teatrais, como no caso das materializações de Vila Carmem, na Argélia, com um cocheiro do General Noel, residente francês despedido pelo general por ser mentiroso e ladrão, que levaram ao palco para mostrar como burlara os cientistas presentes. Interrogado a respeito por jornalistas, Richet respondeu que se tratava de uma questão de opção. “Quem quiser – disse ele – pode ficar com o cocheiro.” Hoje podemos dizer o mesmo, no tocante aos padres e frades que tentam transformar a Parapsicologia em nova forma de negação do Espiritismo: Quem quiser, fique com

esses padres e frades pelotiqueiros, exibidores de falsos fenômenos de magia teatral em palcos e televisões. Mas quem preferir os cientistas, que leiam e estudem os seus livros, antes de se atreverem a dar palpites sobre o que não conhecem.

Nos trechos do livro soviético que reproduzimos acima transparece a lei de adoração, quando vemos os cientistas se dirigirem ao Universo como a uma entidade cósmica. Basta trocarmos a palavra Universo pela palavra Deus para termos uma imprecisão religiosa à divindade. É uma nova demonstração de que, como afirmou Descartes, a idéia de Deus está no homem como a marca do obreiro na sua obra. Ante o esplendor e a grandeza das constelações no Infinito, os físicos materialistas soviéticos se curvam reverentes. Em outro trecho, em seguida, ameaçam o Deus Universo com o poder do homem que pouco a pouco vai aprendendo a dominá-lo. Voltamos à imagem do pedacinho de fermento que cresce no navio pirata do Lobo do Mar. O fermentinho atrevido não se sente humilde, tornando-se ainda mais arrogante para ameaçar o Universo. Não há dúvida que a epopéia cósmica do nosso tempo é empolgante, mas usá-la como bravata não fica bem a cientistas. Porque estes sabem, ou devem saber, por obrigação profissional, que o homem só consegue fazer alguma coisa na Natureza depois de interrogá-la sobre as suas leis e submeter-se a obedecê-las. Frances Bacon já advertira, quando se estabeleciam as leis do método científico, que a Ciência é um ato de obediência a Deus. Quando os cientistas deixam de obedecer rigorosamente a essas leis, seus foguetes explodem e suas sondas espaciais não enviam informações à Terra. O trágico regresso da cápsula da nave espacial soviética Sayoz à Terra, com seus tripulantes mortos sem tempo de piscar, por causa de um defeito de calefação na nave, mostra a necessidade da obediência rigorosíssima aos poderes superiores que o fermentinho atrevido pretende ignorar. Eça de Queiroz, em *A Cidade*, põe um estudante materialista de Coimbra a fazer uma demonstração da inexistência de Deus. Tirando

um patacão português do bolso, o estudante dá o prazo de cinco minutos a Deus para fulminá-lo com um raio. Passado o tempo, ele guarda o relógio dizendo: “Está provado que Deus não existe”. Essas fanfarronadas acadêmicas ainda se repetem na abertura da Era Cósmica.

A Ciência Espírita, fundada por Kardec, revela a sua inteireza em todos os sentidos: nasceu de pesquisas rigorosas de fenômenos materiais, sujeitas a confrontos e repetições, aplicando o método indutivo, não aceitando coisa alguma que não pudesse ser provada dessa maneira. Entendendo que o método de pesquisa deve corresponder à natureza do objeto, Kardec formulou a metodologia necessária e a divulgou amplamente. Aberta a todas as possibilidades do conhecimento científico, não deixou dogmas, declarando que conquista científica provinda de outras fontes, mas realmente comprovada, poderia modificar a estrutura doutrinária flexível. Criaturas inscientes e levianas tomaram essa franquia como um convite à mixórdia e ao sincretismo, lançando teorias absurdas e até mesmo ridículas em nome da doutrina. Kardec sempre as repeliu através de exames e verificação experimental. Nenhuma ciência se mostrou tão científica como essa, nem tão sólida na inteireza dos seus princípios. Há dogmas no Espiritismo, afirmam criaturas desavisadas. Kardec mesmo falou no dogma da reencarnação, mas não como dogma de fé e sim como dogma de razão, princípio doutrinário enquanto válido.

Por mais estranho que pareça aos que desconhecem o Espiritismo, o dogma da existência de Deus é também de razão e não de fé, fundando-se no princípio seguinte: “Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente, e a grandeza do efeito nos prova a grandeza da causa”. Assim, a prova de existência de Deus está em nós mesmos e na Natureza, pois a nossa inteligência e toda a estrutura inteligente do Universo provam a existência de uma

Inteligência Suprema. Querem uma prova mais objetiva do que a Natureza terrena somada à grandeza do Cosmos?

Podem tranqüilizar-se os que perderam seres amados na viagem da morte. Nada se perde, tudo se transforma. O homem deixa o corpo na Terra e passa naturalmente para outra dimensão da matéria, que se refina e aprimora na escalada gloriosa das hipóstases de Plotino. A imortalidade do ser humano foi provada sempre nas pesquisas espíritas mais rigorosas e continua a provar-se nas investigações atuais em todo o mundo. Há sempre um reencontro à nossa espera, nas dimensões infinitas do Cosmos. A morte do corpo não é a morte do ser. Este apenas se liberta da prisão material para prosseguir sua evolução no tempo e no espaço. Os mortos não morreram, são almas viajoras que partiram para mundos mais belos e livres.

Ficha de Identificação Literária

J. HERCULANO PIRES nasceu em 25/09/1914, na antiga Província do Rio Novo, hoje Província de Avaré, Zona Sorocabana e desencarnou a 09/03/1979, em São Paulo; filho do Farmacêutico José Pires Corrêa e da pianista Bonina Amaral Simonetti Pires. Fez seus primeiros estudos em Avaré, Itaí e Cerqueira César. Revelou sua vocação literária desde que começou a escrever. Aos 9 anos fez o seu primeiro soneto, um decassílabo sobre o Largo São João, da cidade natal. Aos 16 anos publicou seu primeiro livro, *Sonhos Azuis* (contos), e aos 18 o segundo livro, *Coração* (poemas livres e sonetos). Já possuía seis cadernos de poemas na gaveta, colaborava nos jornais e revistas da época, da província de São Paulo e do Rio. Teve vários contos publicados com ilustrações na *Revista da Semana* e *No Malho*. Foi um dos fundadores da União Artística do Interior, que promoveu dois concursos literários, um de poemas, pela sede da UAI em C. César, e outro de contos, pela Seção de Sorocaba.

Mário Graciotti o incluiu entre os colaboradores permanentes da seção literária de *A Razão*, em São Paulo, que publicava um poema de sua autoria todos os domingos. Transformou (1928) o jornal político de seu pai em semanário literário e órgão da UAI. Mudou-se para Marília em 1940 (com 26 anos), onde adquiriu o jornal *Diário Paulista* e o dirigiu durante seis anos. Com José Geraldo Vieira, Zoroastro Gouveia, Osório Alves de Castro, Nichemja Sigal, Anathol Rosenfeld e outros promoveu, através do jornal, um movimento literário na cidade e publicou *Estradas e Ruas* (poemas) que Érico Veríssimo e Sérgio Milliet comentaram favoravelmente. Em 1946 mudou-se para São Paulo e lançou seu primeiro romance, *O Caminho do Meio*, que mereceu críticas

elogiosas de Afonso Schmidt, Geraldo Vieira e Wilson Martins. Trabalhou como repórter, redator, secretário, cronista parlamentar e crítico literário dos *Diários Associados*. Exerceu essas funções na Rua 7 de Abril por cerca de trinta anos. Autor de oitenta livros de Filosofia, Ensaios, Histórias, Psicologia, Parapsicologia e Espiritismo, vários de parceria com Chico Xavier, e lançou recentemente a série de ensaios *Pensamento da Era Cósmica* e a série de romances e novelas *Ficção Científica Paranormal*. Alegava sofrer de grafomania, escrevendo dia e noite. Não tinha vocação acadêmica e não seguia escolas literárias. Seu único objetivo era comunicar o que achava necessário, da melhor maneira possível. Graduado em Filosofia pela USP, publicou uma tese existencial: *O Ser e a Serenidade*.

Amigo(a) Leitor(a),

Se você leu e gostou desta obra, colabore com a divulgação dos ensinamentos trazidos pelos benfeitores do plano espiritual. Adquira um bom livro espírita e ofereça-o de presente a alguém de sua estima.

O livro espírita, além de divulgar os ensinamentos filosóficos, morais e científicos dos espíritos mais evoluídos, também auxilia no custeio de inúmeras obras de assistência social, escolas para crianças e jovens carentes, etc.

As obras espíritas nunca sustentam, financeiramente, os seus escritores; estes são abnegados trabalhadores na seara de Jesus, em busca constante da paz no Reino de Deus.

Irmão W.

“Porque nós somos cooperadores de Deus.”

Paulo. (1ª Epístola aos Coríntios, 3:9.)